

REVISTA DE  
HISTÓRIA  
DAS IDEIAS



PORTUGAL

VOLUME 28, 2007

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## **O OUTRO AQUI TÃO PRÓXIMO: JORGE DIAS E A REDESCOBERTA DE PORTUGAL PELA ANTROPOLOGIA PORTUGUESA (ANOS 70-80 DO SÉCULO XX)**

*"Está-se sempre em confronto com o 'outro', tanto no nosso país  
como no estrangeiro".*

Jack Goody (2004: 206)

### **1. Um olhar selectivo sobre o passado**

A antropologia portuguesa, como as outras ciências sociais, conheceu um enorme desenvolvimento na sequência imediata do 25 de Abril devido ao impacto conjugado de diversos factores, de âmbito interno ou de carácter mais global. Alguns destes têm raízes longínquas. Outros revelam, a um olhar de hoje, o peso da conjuntura dos anos setenta e da natureza revolucionária da mudança de regime político. A meu ver, devemos tê-los em conta se quisermos compreender as opções da antropologia que emerge com a revolução democrática: a sua dedicação prioritária à pesquisa no mundo rural, e, neste âmbito, ao estudo de colectividades das zonas montanhosas do Norte do país.

Dedico este texto, que não pretende cobrir de modo exaustivo autores e obras, a propor algumas respostas para esta preferência pelas aldeias nortenhas, aludindo de modo sintético aos objectos explorados neste "momento expansivo"\* (1) - o dos anos que se seguem ao 25 de Abril

\* Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

(1) Vou buscar a expressão ao título da obra de Jack Goody (1995) sobre a história da antropologia britânica.

- da antropologia em Portugal. Não me debruço sobre a produção antropológica que incide sobre as antigas colónias portuguesas. Desde logo por questões de economia de espaço. Mas também porque não só ela não teve influência sobre o processo específico que me proponho abordar, como este foi também o momento em que o estado português deixou de ser colonial. Este sucesso e a situação de crise que acompanhou a independência dos novos estados afastaram temporariamente a antropologia portuguesa de África (Durand, 1991). Deixo praticamente de lado igualmente a antropologia física, disciplina antiga em Portugal, cuja história tem decorrido em separado da antropologia social ou cultural nas últimas décadas, depois de terem partilhado interesses comuns em finais de Oitocentos e começos do século XX<sup>(2)</sup>.

Concedo, pelo contrário, um espaço relativamente longo à obra de Jorge Dias. Tal deve-se ao facto de ele ter dominado a antropologia portuguesa nas últimas duas décadas do Estado Novo, deixando um legado com o qual os vindouros contactaram. Deve-se igualmente a outros motivos, alguns dos quais procuro assinalar neste ensaio, que explicam a enorme atracção que a sua obra continuou a exercer mesmo depois do seu desaparecimento e particularmente nos primeiros tempos do regime democrático. Outros aspectos, de que aqui também se fala, em que o seu discurso surgia em completa contradição com a nova ordem política e os valores culturais prevaletentes pouco foram evocados na época, o que também não deixa de ser elucidativo.

Começarei por fazer uma breve referência à história da antropologia em Portugal, pois o seu conhecimento é necessário para compreender a sua situação no dealbar do regime democrático. Para a entendermos com clareza, devemos começar por proceder a uma distinção entre as várias vertentes do que hoje se entende constituir o domínio da antropologia. O estudo de uma delas, a *etnografia*, surgiu do interesse no século XIX pelos costumes, tradições, mitos e literatura popular, o qual, em Portugal à semelhança do sucedido na Europa do seu tempo, está associado ao

<sup>(2)</sup>Sobre a relação entre a antropologia portuguesa e o projecto colonial ver a síntese global de Matos (2006:134-146). Rui Pereira (1989; 1998: VI-VII) refere o carácter predominantemente antropobiológico da antropologia colonial até aos anos 50 e ao impacto da acção de Jorge Dias. Ver Areia e Rocha (1985) e Santos (2005) sobre o ensino da antropologia em Coimbra e a tradição naturalista da antropologia portuguesa.

pré-romantismo e ao romantismo (Dias 1952: 3-7; Burke 1981: 3-22; Cocchiara 1977-71: 170-303) e à preocupação com a definição e preservação de identidades nacionais (Cuisenier, 1995:12-17) - como se verifica na obra de Garrett e Herculano, entre outros. Por essa época - primeira metade do século XIX - a designação de *etnografia*, derivada do nome grego traduzível como "raça" e "povo", já começara a ser usada em Portugal (Vasconcelos 1980-33 I: 18), para denotar, de modo variável, aspectos da cultura material, das práticas, costumes e tradições orais, das crenças do chamado *povo* (os membros mais humildes da sociedade). Este, afastado da cultura letrada cosmopolita das elites, constituiria o depositário mais fiel do que havia de especificamente nacional na sociedade portuguesa. Segundo Leite de Vasconcelos, a *etnografia* seria a ciência que se dedica a "examinar o que é que dá índole e coesão a um povo e o distingue de outro" (*idem*: 2).

A etnografia continuou a ser o eco de preocupações relativas à história e à identidade nacionais na segunda metade do século XIX<sup>(3)</sup>. Essa circunstância, que se unia à sua novidade enquanto ramo de saber, contribuiu, por certo, para o entusiasmo pela disciplina e por outras animadas pelo mesmo fervor, como a arqueologia, a história, a história literária ou a filologia. Recusa-se a tese "política" da origem da nação, que era a de Herculano, entendida como simbolicamente desprestigante, pois fazia depender a sua criação de algo tão aleatório como a vontade de alguns poucos indivíduos - o príncipe e seus barões. Em vez disso, procura-se a sua matriz histórica em populações anteriores à formação de um estado português, como os Lusitanos, já mencionados como antepassados míticos nacionais no século XV (Albuquerque 1974:273-84; Leal 2000: 63-82). Ora, tal como a história e a arqueologia (Fabião 1996: 90-107) se debruçavam sobre um passado que se apresentava como ligado ao presente e a filologia sobre o que se pensava ser um dos vínculos cruciais da identidade nacional - a língua -, a *etnografia* propunha-se "como uma via disciplinar de identificação das qualidades e do carácter da Nação, pela indagação da sua cultura popular" (Silva 1997:113). Encontramos as mesmas motivações nacionalistas no interesse pela *antropologia*, palavra que servia então para designar a ciência que tratava do homem como

<sup>(3)</sup>Uma das primeiras abordagens da articulação entre etnografia, estudo da cultura popular e identidade nacional deve-se a Pina Cabral (1991: 15-26).

ser natural e das raças humanas (Vasconcelos 1980-33:11,66-80; Correia 1929). Nesta disciplina procura-se caracterizar racialmente os portugueses (Cardoso 1908) e estabelecer linhas de continuidade com populações proto ou pré-históricas que teriam habitado o território que veio a ser Portugal (Correia 1924)<sup>(4)</sup>. Contudo, regista-se uma clivagem importante nos campos de estudo objecto da Antropologia e da Etnografia. A primeira, que domina os programas das cadeiras universitárias, está intimamente associada às políticas coloniais, realizando trabalhos de carácter predominantemente antropométrico nas colónias; a segunda, pouco presente nos estudos sobre populações submetidas ao domínio colonial, prevalecia nos estudos sobre Portugal.

Nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX, cultivaram algum dos domínios que se entende serem antropologia, Oliveira Martins, Teófilo Braga, Consiglieri Pedroso, Rocha Peixoto, Adolfo Coelho e José Leite de Vasconcelos<sup>(5)</sup>. Os seus contributos são de importância muito desigual, mas não houve personagens de idêntico relevo que lhes sucedessem, nem em termos do conhecimento da produção científica internacional, nem em termos da sua polivalência. Sublinhe-se que o contexto finissecular, representado como de crise *nacional* - e na configuração da chamada crise, os riscos colocados à dominação colonial, realçados de modo agudo com o *Ultimatum* britânico, tinham papel de relevo -, não é de modo algum alheio a este investimento na produção científica voltada primeiro para a nação portuguesa, para os portugueses

<sup>(4)</sup> Estas caracterizações de etnografia, antropologia, etnologia, etc., não pressupõem que seja sempre esta a definição das disciplinas, pois ela é variável, em função da época ou da interpretação do autor. Assim, em 1933, para Vasconcelos, a Etnologia abarcava não só a Etnografia, mas também tratava "das origens e da razão de ser de um povo, das leis a que obedece o seu desenvolvimento colectivo" (1980 [1933]: 11); poucas décadas volvidas, Dias conferia à etnografia o sentido de estudo descritivo e à etnologia a dimensão comparativa, de ciência propriamente dita, sendo sinónimo de "antropologia cultural" (Dias 1961-59; 1961). Na actualidade, estas últimas caracterizações são de uso corrente. Sobre a evolução dos sentidos de etnografia, etnologia, folclore, etc., em autores portugueses, ver Oliveira (1968: 46-51).

<sup>(5)</sup> Estes, mais Carolina Michaëlis de Vasconcelos - e sem Oliveira Martins - são as principais figuras do período filológico-etnográfico, positivista, da etnografia portuguesa para Dias (1952: 1, 7-21). Dias não refere Martins, que de facto se interessou pela teorização antropológica, mas não pela etnografia.

(Cabral 1991; Ramos 1994; Leal 2000: 27-61; Catroga 1998: 93-111) e para os povos das colónias algum tempo depois<sup>(6)</sup>.

Pode discernir-se o interesse em Portugal por estes saberes em factos como a instituição do ensino de Antropologia - sobretudo antropologia física - na Universidade de Coimbra em 1885, a criação do Museu-Laboratório na mesma Universidade, a criação do Museu Etnográfico em 1893 - mais tarde Museu Etnológico - a fundação, em 1914, do Museu e Laboratório Antropológico da Universidade do Porto, e em 1918, da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia na mesma cidade (Correia 1929; Pereira 1998: VI-VII). Finalmente, a criação, entre muitas outras, de duas importantes revistas: a *Portugália* em 1899 (findaria em 1908) e a *Revista Lusitana* (1.º volume de 1887-89, 38º e último de 1940-43), fundada por Leite de Vasconcelos (Vasconcelos 1980 [1933] I: 66-80; Correia 1929; Dias 1952:19-20).

A maioria dos estudos que irão proliferar desde o princípio do século XX consistirá em etnografias descritivas dos mais variados temas, da produção agrícola à medicina tradicional - podemos detectá-los através de uma leitura cronológica e temática da bibliografia etnográfica recolhida por Benjamim Pereira (1965), ou no *Bosquejo Histórico...* de Dias (1952), que já citámos. Leite de Vasconcelos que, embora ainda convivesse com a geração de Oliveira Martins e de Adolfo Coelho, era mais novo, deixará incompleta em vida a sua *Etnografia Portuguesa* - só publicou os três primeiros volumes dos nove que viria a ter - obra onde se sintetizam conhecimentos de natureza geográfica, antropológica, etnográfica, arqueológica, filológica e histórica, destinados a objectivar uma identidade portuguesa<sup>(7)</sup>. São ainda esses mesmos propósitos de *objedificação* (Handler 1988:11-16; 141-142) da cultura nacional que encontramos na inserção dos contributos etnográficos na obra mais exaustiva dedicada à publicitação do conhecimento sobre o país, o *Guia de Portugal* (iniciado em 1924),

<sup>(6)</sup> Com efeito, parece existir um desfasamento de algumas décadas - umas três - entre a investigação realizada sobre Portugal, onde as preocupações etnogeneológicas abundavam, e a realizada sobre as colónias, que acompanha a ocupação efectiva desses territórios. Cf. Pereira (1998: VII).

<sup>(7)</sup> O seu programa abrangia dimensões geográficas (*A Terra Portuguesa*), a etnicidade, sua origem e história (*O Povo Português*), a família, o indivíduo, a sociedade, os costumes, tradições, a vida psíquica, etc. (*A Vida Portuguesa*) coroadas de uma conclusão "sociológica" (Vasconcelos 1980 [1933]: 24).

que mobilizou diversas autoridades intelectuais, da geografia à história da arte e à etnografia. Aí, um amador - como todos ou quase todos os que se dedicarão durante décadas à etnografia - o escritor Aquilino Ribeiro, na *Introdução Etnográfica*, debruça-se sobre o homem, procurando separar o homem *nacional* do estrangeiro (espanhol). Em seguida, envereda pela constatação da variedade regional dos portugueses, procedendo a uma descrição sumária da "psicologia étnica" dos habitantes das diversas regiões, em que se enfatiza a importância condicionadora do meio e as heranças étnicas, para em seguida se abordarem a "casa", o "vestuário", a "cozinha", as "indústrias caseiras", os "meios de transporte" (bem entendidos, os tradicionais), as "festas", a "música popular" (Ribeiro 1924: 61-79).

O texto de Aquilino é um testemunho paradigmático do que se entenderá durante décadas serem os objectos da etnografia em Portugal. São os que serão cultivados pelos etnógrafos locais, que desenvolvem uma enorme actividade desde o início do século XX, actividade consentânea com o clima nacionalista vigente sob a Iª República e sob o Estado Novo que muito valorizará objectos tidos como emblemáticos da tradição e da essência rural do país (Ramos 1994; Branco 1995:145-177; Leal 2000: 35-37; Melo 2001).

O movimento de pesquisa etnográfica regional levado a cabo no decurso de ambos os regimes está ainda por analisar na sua globalidade. Parece haver uma emulação entre etnógrafos de diversos locais e regiões, norteada pelo desejo de mostrar a riqueza de um património definido como tradicional. Deve-se dizer que a condição de etnógrafo local ou regional - ou arqueólogo, historiador, sábio local... - trará prestígio num tempo, provavelmente desde Oitocentos, que se afigura marcado pela exaltação da especificidade (provincial, local) no âmbito da unidade nacional<sup>(8)</sup>. Prestígio que ainda hoje se mantém na esfera local.

<sup>(8)</sup>O *Bosquejo...* de Dias (1952) constitui a um tempo um resumo dessa produção e uma ordenação hierarquizada desses trabalhos, por alguém já então um consagrado e com legitimidade científica e institucional. Pina Cabral (1991: 27-28) coloca a ênfase no desfasamento da etnografia portuguesa face aos centros de inovação científica antropológica.

Pereira (1998: VII-VIII) sugere que a debilidade em termos de estatuto dos estudos sociais e culturais na antropologia em Portugal na primeira metade do século XX, se deverá ao facto de estarem conotados com o "folclore" e a "cultura popular", com a ausência de uma dimensão "utilitária", que a antropologia física possuiria - enquanto estudo das populações coloniais, visando avaliar a sua

Mas ao apogeu da etnografia local e regional corresponde o declínio dos esforços de sistematização e comparação, de actualização científica, que marcaram as primeiras décadas do desenvolvimento da antropologia. O contacto internacional com as correntes de vanguarda perdeu-se, ainda antes de se impor o controlo do Estado Novo<sup>(9)</sup>. Ao recapitular, em 1968, a acção do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, de que Jorge Dias foi a figura principal, Ernesto Veiga de Oliveira reivindicaria para a mesma obra (do Centro) o ultrapassar da "simples descrição etnográfica, particularista, regional ou nacional" para se situar no plano da etnologia - ou Antropologia cultural - o plano de "sínteses gerais, comparações, interpretações fundamentadas - a explicação do comportamento do Homem" (Oliveira 1968: 50). Era esta a sua ambição.

## **2. Jorge Dias e a sua acção**

A obra de Jorge Dias - a cujo impacto se juntará a dos seus colaboradores - representa um novo momento na história da Antropologia em Portugal. Em primeiro lugar, pela sua opção pela antropologia cultural e por uma etnologia comparativa que ultrapassam o quadro regionalista e descritivo, procurando ligar-se à pesquisa internacional<sup>(10)</sup>. Em segundo, por se deverem a Dias as primeiras monografias de comunidade da antropologia portuguesa. Em terceiro, pela ruptura com as interpretações raciais dos fenómenos sociais e culturais que se haviam manifestado com intensidade desde a segunda metade do século XIX. Em quarto

capacidade como força de trabalho, por exemplo. Em contraste, a antropologia física (ensinada nas Faculdades de Ciências e de Medicina), para além de aparecer como útil, estaria associada às ideias de ciência e rigor.

<sup>(9)</sup> Num texto em que aborda a história da antropologia em Portugal, João Leal (2000:27-61) propõe uma divisão da mesma em 4 fases, em que as duas primeiras (situadas nas décadas que decorrem de 1870 a 1890) são marcadas por planos disciplinares ambiciosos e pelo conhecimento de alguns dos protagonistas dos principais contributos teóricos a nível internacional).

<sup>(10)</sup> Leal (1993: 26, nota 1), apoiando-se em Medeiros (1992), afirma que o limbo teórico da etnografia se dá com a República, e assinala que a saída do mesmo só terá lugar com Jorge Dias e a sua equipa. Uma avaliação de Dias, à luz da antropologia sua contemporânea (britânica e norte-americana), encontra-se em Pina Cabral (1991: 28-29), que o define como "figura proeminente e relativamente inovadora".

lugar, pela consagração institucional e êxito que a sua acção teve; êxito que, embora de efeitos modestos no campo universitário, não deixa de ser significativo, e que, sem dúvida estará ligado ao modo como Dias se situou face à política do Estado Novo, embora o seu relativo sucesso não radique meramente na sua aceitação oficial, porque também o obteve fora dessa esfera. Finalmente, a Jorge Dias e à equipa que animou deve-se um esforço sistemático de recolha e análise de elementos da cultura popular sem paralelo entre nós.

Começemos pelos princípios teóricos que começará a enunciar quase desde o início da sua carreira. Para Jorge Dias, a antropologia cultural (ou etnologia) é um dos ramos, bastante afastados, em que se dividiu a Antropologia Geral: o outro é a antropologia física (Dias 1961 [1959]: 1-2; Dias 1965-66: 4-10)<sup>(11)</sup>. Em sua opinião, a cultura nada tem a ver com a biologia. A sua posição é muito diferente da de um Mendes Correia, o primeiro director do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, para onde Jorge Dias entrará em 1947 e que virá a dirigir<sup>(12)</sup>. Pese embora Jorge Dias manter preocupações, como Correia, com a identificação do que é *nacional*, as suas indagações expressam-se através de discursos substancialmente diferentes, como teremos ocasião de ver mais à frente.

O médico Mendes Correia foi durante décadas a figura de maior poder da antropologia portuguesa, sendo um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Antropologia e de Etnologia. Encontramos uma prova da sua importância no facto de ter sido tanto presidente do I Congresso (Congresso de Pré e Proto-História) como do Congresso Nacional de Ciências da População, ambos realizados no âmbito do mais vasto Congresso do Mundo Português em 1940. Veio a ser igualmente director da Escola Superior Colonial - mais tarde Instituto Superior de Estudos Ultramarinos - presidente da Junta das Missões Geográficas

<sup>(11)</sup>Cito como obra de Jorge Dias o texto *Antropologia Cultural (Lições dadas ao 1º ano do Curso Complementar pelo Prof. Doutor Jorge Dias)* de 1965-66, um manual ou "sebenta" editado pela Associação Académica do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, cujos materiais foram cedidos por Dias, que o reviu. São o texto mais completo que conheço sobre as posições de Jorge Dias no referente à disciplina em meados da década de sessenta.

<sup>(12)</sup>Jorge Dias entrará nesse centro para dirigir a secção de Etnologia, uma possível indicação de que Mendes Correia não se sentiria à vontade ou não estaria interessado num domínio estranho ao da antropologia física que praticava.

do Ultramar Português e presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa (Pereira 1998: XVII). Ora, ao longo de uma ampla carreira, este homem eclético - mas particularmente dedicado à paleontologia, à antropologia física e criminal e à arqueologia -, quer ao tratar da gênese dos portugueses, quer reportando-se à situação colonial, temas que lhe são dos mais caros, sublinhará sempre a importância do factor racial. Afirma: "Duma maneira geral, em todos os factos sociais intervém o factor raça. Cada indivíduo traz para a vida social uma parte do tronco antropológico a que pertence." (Correia 1919: 27). Mais, nos anos trinta e quarenta, que vêem uma forte exaltação das ideias de superioridade racial, defenderá a existência de uma hierarquia racial (Matos 2006: 79, 144-150) e condenará a mestiçagem como "possível factor degenerativo" - lembre-se que a ligação entre mestiçagem e degenerescência é um tópico já explorado no influente *Essai sur l'Inégalité des Races Humaines* de Gobineau (1983 [1853]: 162-172). Escreve então, em comunicação apresentada ao Congresso Nacional das Ciências da População: "[...] A pureza do sangue português metropolitano é uma condição essencial da continuidade histórica e moral da nação..." (Correia 1940: 587). Em 1944 (*Raízes de Portugal*), afirmaria que "a língua, a história, nalgumas particularidades, são certamente determinadas ou influenciadas por uma estrutura biopsíquica primitiva, constitucional dos seres humanos a que dizem respeito" (Correia 1944: 65). Em seu entender, a raça englobava dados biológicos, como os "genes" de Mendel, mas também elementos psicológicos derivados ou associados como a "saudade" (*idem*: 67,104)<sup>(13)</sup>. Neste texto de finais da 2ª Guerra Mundial, sublinhe-se, perante a eminência da derrota do nazismo e das teorias racistas que faziam parte da visão do mundo deste (as quais afirmou defensivamente no pós-fácio não partilhar), continua a insistir que a nacionalidade está ligada à raça, que depende dela: "Somos portugueses e livres, em consequência, não de razões ou sentimentos exclusiva e puramente acidentais [...] mas de um instinto profundo, hereditário,

<sup>(13)</sup>Mendes Correia valorizara antes (1919) a antroposociologia, a "pseudo-ciência" iniciada por Vacher de Lapouge. Embora criticasse a sua associação ao pangermanismo e ao mito da superioridade ariana, continuaria a defender ideias da antroposociologia como a da desigualdade das raças e o pressuposto básico da relação entre traços ditos raciais e traços sociais e culturais. Sobre Vacher de Lapouge e a antroposociologia, ver Llobera (2003: 103-120).

de particularidades remotas e permanentes da terra e do nosso património genotípico..(Correia 1944:107-108). E em 1962, embora já considerasse as hierarquias raciais como destituídas de sentido, continuava a valorizar a raciologia enquanto ciência (Matos 2006:142).

Ora, não há qualquer invocação do factor racial logo nos primeiros livros de Jorge Dias, *Os Arados Portugueses e as suas Prováveis Origens e Vilarinho das Furnas*, ambos de 1948, ainda tão próximos no tempo de uma hegemonia racista que só começa a perder fôlego com a derrota nazi. Na primeira, a explicação para a distribuição dos diversos tipos de arado é feita atendendo ao carácter específico da paisagem rural em que se implantaram e à herança cultural de povos que se vieram a fixar no território português. Em *Vilarinho...*, está inteiramente ausente enquanto facto explicativo. Quando fala da "psicologia" do habitante local afirma que o carácter introvertido do habitante de Vilarinho, em contraste com o extrovertido do minhoto, se deve ao peso da montanha que o cerca: quer dizer, aponta para uma explicação ambiental e não racial. E acrescenta, insinuando uma crítica clara ao determinismo racial professado pelo nazismo: "E isto é um caso que devem ponderar aqueles que consideram as raças como uma coisa em si, independentes do meio em que se desenvolvem"<sup>(14)</sup>. Em contrapartida, neste texto afirma a importância das influências mesológicas (na génese do comunitarismo): "[...] O homem depende sempre do meio em que vive, e isto é tanto mais verdade, quanto mais primitiva é a vida do povo que se quer estudar.

<sup>(14)</sup>Cito aqui o texto original da sua tese de doutoramento depositada na Universidade de Munique, documento intitulado *Vilarinho da Fuma, Vilarinho da Furna: Um Povo Autárquico da Serra Amarela, Inaugural-Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde der philosophischen Fakultät der Ludzuig-Maximilians-Universität zu München vorgelegt von Dr. Antonio Jorge Dias aus Oporto/Portugal, 1944*, p. 17. O texto da tese está redigido em português e a dactilografia corrigida à mão. Devo a oferta deste documento à generosidade de Steffen Dix a quem agradeço. O nacionalismo racial nazi, que defendia a existência de uma unidade racial nacional independentemente do meio e da história, encontra-se nas antípodas desta posição. Voltaremos a este tema mais à frente. O texto da monografia publicada (1948) é ampliado em relação ao da dissertação (1944). Foi introduzido um cancionero, verosimilmente recolhido em 1945 pela sua esposa alemã, e tem um novo capítulo XIV, "O Homem, Fisionomia e Concepção de Vida". De qualquer modo, na matéria fulcral de que estamos a tratar não houve qualquer alteração.

Assim, as condições especiais do solo da região, que queremos aqui tratar, deram lugar a que os habitantes se organizassem num sistema colectivista, formando uma pequena autarquia" (Dias 1944: 3). E em *Rio de Onor*, de 1953, recusa a ligação entre raça e comunitarismo agrário, vendo neste o produto combinado de influências históricas e culturais (1984 [1953]: 41). Embora crítico das explicações raciais, admitia a influência do facto étnico na cultura e na psicologia (Leal 2000: 94-99). Num ensaio de 1950, por exemplo, afirmava haver um "fundo temperamental" em Portugal, historicamente sedimentado, para o qual contribuíam os elementos étnicos - celtas, germânicos, mediterrâneos, berberes - que entravam na génese da cultura nacional portuguesa (Dias 1961 [1950]: 98, 102-103)<sup>(15)</sup>.

Em 1957, pronunciava-se deste modo sobre o factor racial: "[...] as diferenças raciais são simplesmente variações na frequência de alguns genes, e nada mais. Os estudos da moderna genética mostram o que há de absurdo em querer atribuir às raças características de outra natureza que não sejam as meramente físicas"; e mais à frente, num contraste absoluto com o seu antigo director, Mendes Correia, escreve: "A relação entre raça e psicologia não parece válida à luz dos actuais conhecimentos" (Dias 1961 [1957]: 150).

O conceito nuclear é para ele o de cultura, assim definido em 1958: entende-se por cultura "o conjunto da tradição social" ou a "herança social". Isto é, tudo aquilo que o indivíduo recebe daqueles que o criaram e com quem conviveu. Os factos da cultura são inúmeros; entre eles contam-se: a linguagem, a sabedoria, a crença, as artes, as técnicas, as regras de conduta, a música, a dança, os usos e os costumes, o direito, a organização familiar, etc. É tudo o que se transmite de pais a filhos, de umas gerações às outras... A cultura é sempre recebida pelo convívio, imitação

<sup>(15)</sup>Um dos grandes autores do neo-realismo, Alves Redol, numa monografia rural que parece dever muito à inspiração etnográfica de Leite de Vasconcelos - *Glória, uma Aldeia do Ribatejo* (1938) - reporta-se à antropologia de fins do século XIX e de inícios do século XX e à sua categorização das diferentes raças - embora deixasse explícita a sua preferência pela expressão (alternativa) de "grupo étnico" - como explicação para características das populações observadas no presente (Redol, 1938: 23-24). Faço esta observação para mostrar a vigência de tais explicações na época, que não devem ser entendidas como expressão de racismo.

ou educação, mas nunca hereditariamente [...] independentemente de qualquer herança genética; é simplesmente herdada socialmente (Dias 1958:19). A definição de Dias é claramente de inspiração boasiana. Note-se que já Franz Boas - um adversário das explicações centradas no factor racial - achava a expressão "raça" (traços biológicos) vaga e imprecisa, afirmando que o comportamento individual era moldado pelo ambiente social e cultural (Boas 1960 [1928]: 18-62)<sup>(16)</sup>.

Esta enfatização do papel da cultura, que traduz nomeadamente a influência da antropologia norte-americana, está ligada, através de Dias, a uma promoção da etnologia - ou antropologia cultural - no campo da antropologia em Portugal. A antropologia cultural sobrepõe-se em importância à antropologia física, que dominava em Coimbra e no Porto. Se Dias colabora na investigação no Centro de Estudos de Etnologia Peninsular dirigido por Correia, a secção de Etnografia cedo alcança preponderância. Dias será um herdeiro intelectual não de Correia - que virá a substituir no CEEP, quando ele falece em 1960 (Oliveira 1968: 22) - e da perspectiva que ele encarna, mas de Leite de Vasconcelos, tendo grandes afinidades com o discípulo deste, o geógrafo Orlando Ribeiro, que promoveu a ascensão de Dias na Universidade<sup>(17)</sup>.

<sup>(16)</sup>Sobre cultura ver igualmente Dias (1961 [1959]). Não há aqui espaço para desenvolver o tópico da raça em Dias, que não pode ser inteiramente resumido ao que se diz acima, pois, embora anti-racista, utiliza expressões como "herança genética do povo" (Dias 1961 [1958]: 174), nem o tratamento do mesmo por Boas. Ver ainda Dias (1965-66: 7-8,44-66), que se refere textualmente à noção de raça como vaga e imprecisa. A sua posição parece ser inteiramente consistente com a expressa por uma Ruth Benedict em 1942 (Benedict 1983) - a raça apenas tem sentido em zoologia e não possui implicações sociais e culturais - embora sem lembrar a matriz social conflituosa de onde emerge o racismo e as suas classificações na óptica da antropologia norte-americana. Também não é aqui o lugar para analisar devidamente o impacto desta diferença crucial entre Mendes Correia e Jorge Dias, nem o relacionamento entre ambos. Jorge Dias sucede a Mendes Correia (prefaciador da Iª edição de *Vilarinho*) como figura cimeira da Antropologia em Portugal, num tempo (anos 50) em que o racismo de Correia já não seria aceitável, intelectual e politicamente; nem o de Correia, nem o de um Eusébio Tamagnini, que pontificou em Coimbra. Ambos foram em absoluto hostis à mestiçagem, defendendo a colonização por brancos, que perpetuassem a "raça" portuguesa (Moutinho 1982: 425-426; Matos 2006).

<sup>(17)</sup> Esta ligação é também destacada por Pereira (1998: VIII).

A preponderância de Jorge Dias deveu-se, muito provavelmente, à combinação de vários factores. Não se pode descontar o peso da sua origem social e educação, ou capital social e simbólico de que era portador, para utilizar as expressões de Bourdieu, que lhe permitiam expressar-se à vontade em várias línguas em reuniões internacionais (Oliveira, 1982: 7-8). Tais capitais, unidos a uma formação académica que nenhum etnólogo português possuía, permitiram-lhe dirigir um programa de estudo e compilação sistemática de informação - a começar pela recolha e ordenação da bibliografia etnográfica, trabalho que se deve a Benjamim Pereira - sobre objectos da cultura material, como os arados, a alfaia agrícola, os moinhos, mas que não se lhe restringe. Os seus ensaios de sistematização teórica - que são uma parte menor e incipiente do seu trabalho, um "patchwork teórico, um agregado de diversas influências"<sup>(18)</sup> (Durand 1991) - também terão tido algum peso, pois eram novidade. Mas as fontes maiores do seu prestígio vieram da elaboração de monografias assentes em trabalho de campo sobre duas aldeias do Norte: *Vilarinho da Furna* (1948) e *Rio de Onor* (1953).

Estas obras influentes, os únicos estudos de comunidades que se devem aos autores ligados ao Centro de Estudos de Etnologia Peninsular (Oliveira 1968: 65), são os testemunhos mais relevantes da pesquisa de Jorge Dias no contexto dos estudos realizados no território português<sup>(19)</sup>. Representam contributos preciosos para entender a perspectivização antropológica do autor, uma perspectivização ecléctica, onde verificamos o impacto do evolucionismo e do difusionismo antropológicos (Leal 2000: 51-52), das pesquisas levadas a cabo pelos Atlas Linguísticos e Etnográficos na Europa, das explicações propostas no âmbito da História e da Geografia (humana) - o interesse por esta última, que o aproximaria de um Boas,

<sup>(18)</sup>A parte melhor desenvolvida é a que vem na sua "sebenta" policopiada do ISCSPU (Dias 1965-66), onde exhibe um maior conhecimento do que o patente na bibliografia impressa. Mas é necessário ter em conta a própria história pessoal do autor, que havia acumulado nesta época um conhecimento que não possuía no início da sua carreira.

<sup>(19)</sup>Não abundam as monografias de comunidade feitas sobre a Europa. A perspectiva dominante na extremamente influente antropologia social britânica tinha como mais importante, no contexto posterior à Segunda Guerra Mundial, o estudo de culturas não europeias. Só nos anos 50 esta atitude começou a mudar e em relação a espaços - Espanha, Grécia, Itália do Sul... - tidos como "outros" por contraste com a Europa do Norte. Cf. Goody (2004: 212-214).

está associado em Portugal à sua ligação a Orlando Ribeiro<sup>(20)</sup>. Nas duas monografias de comunidades é dada justamente uma grande atenção às relações com o meio - à problemática que Dias refere como "sistema ecológico" (Dias 1958b: 86), e que encontra eco em Boas. Nesses textos as suas preocupações centram-se na gênese da sua organização colectiva - comunitarismo - na sua articulação com um modo de vida agro-pastoril, no *ethos* e na visão do mundo camponeses, na relação entre comunidade e casa/família, na delineação de "padrões de cultura" (em Rio de Onor). Em contrapartida, a estratificação social e as relações de poder são temas secundários, quase ausentes<sup>(21)</sup>. Busca-se a inserção das comunidades na história mais distante e no ambiente geográfico, no âmbito de uma abordagem holista onde se pode detectar a influência do seu professor Thurnwald, que conhecia bem o funcionalismo britânico e Boas e os seus discípulos norte-americanos<sup>(22)</sup>.

Como já se assinalou, as vinculações entre etnografia e construção de uma representação da identidade nacional portuguesa, que vinham do século XIX (Oliveira 1968: 46-47), encontraram acolhimento no trabalho de Jorge Dias. Este, como é comum, localizava a gênese dessa relação no romantismo, em particular na Alemanha onde se formara, e defendia, em termos herderianos, a etnografia como modo de conhecer e preservar "preciosos elementos de cultura [...] que são o legado dos nossos avós

<sup>(20)</sup>A explicação de Orlando Ribeiro para os usos comunitários - o facto de radicarem mais em factores de geografia física, do que em factores históricos - é citada na dissertação sobre Vilarinho da Furna (Dias, 1944). A influência de Orlando Ribeiro também se faz sentir no texto de *Os Arados...* Por sua vez, Ribeiro refere o apoio dado a Dias no prefácio que escreveu à reedição do estudo sobre Vilarinho publicado em 1981.

<sup>(21)</sup> Surgem em *Rio de Onor*, ao falar nas diferenças de rendimento entre famílias, ou das excluídas do sistema de decisões local, o *conselho* (1984 [1953]: 96-97, 82-83).

<sup>(22)</sup> Sobre o holismo, o funcionalismo e o evolucionismo de Thurnwald, ver do mesmo *L'Économie Primitive* (1937). Nesta obra Thurnwald refere-se a autores como Malinowski, Radcliffe-Brown e Raymond Firth, e a Boas e aos seus discípulos A. L. Kroeber e Melville S. Herskovits. Jorge Dias pode ter chegado ao conhecimento destas escolas do pensamento em Antropologia Social através de Thurnwald. Sobre a influência deste último em Dias, Oliveira (1974: 18). Ver a apreciação de Dias sobre Thurnwald (Dias 1965-66: 229-230). Uma outra via residirá na leitura da obra de Gilberto Freyre (*Casa Grande & Sanzala*) que nos parece ter exercido uma grande influência sobre o etnólogo português.

e constituem a base das nossas características nacionais, além de serem património de toda a humanidade" (Dias 1961-48: 95). Deve notar-se que a aceitação, conquanto limitada, dos seus projectos no âmbito do Estado Novo, se prende também com o papel que este último pretendia para a etnografia, o da recolha e valorização de um património tradicional rural consentâneo com a visão (ruralista) do país defendida pelo regime (Melo 2001)<sup>(23)</sup>.

As ligações entre esse mundo rural dito tradicional e aquilo que se identificava como nacional surgem claramente nas preocupações de Dias com o exame do chamado "carácter nacional". Viria mesmo a afirmar que os estudos de comunidade seriam um primeiro passo, seguido do estudo da região ou área e província - a partir dos quais se chegaria ao "conhecimento científico da cultura nacional" (Dias 1961 [1957]: 55). Tal percurso parecia-lhe melhor do que os estudos genéricos do "carácter nacional", que corriam o perigo de "não serem rigorosamente objectivos" - mas não só escreveu desde cedo um texto desse teor (*Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*, 1950), como desenvolveu uma teoria específica da nação portuguesa, definindo os seus caracteres essenciais. E a sua concepção do carácter nacional será um dos elementos mais relevantes para entender o seu trajecto ascendente, e, correlativamente, a promoção da Antropologia (Etnologia) no plano do ensino universitário e da investigação, bem como a publicitação da sua actividade<sup>(24)</sup>.

<sup>(23)</sup>A promoção e valorização do *rural* e do *tradicional*, termos que surgiam como sinónimos, nada tinham de especificamente salazarista; aparecem em França tanto no contexto da Frente Popular, como mais tarde sob o regime de Vichy e posteriormente (Chiva 1993), na Grã-Bretanha de entre as guerras (Goody 2004:164-165) e em múltiplos outros países e contextos. Ver igualmente Cuisenier como uma síntese das implicações do "folclorismo", tão importante sob o Estado Novo, entendido como a reprodução de actos prescritos pelo costume fora do seu contexto, a sua incorporação por "moda" na cultura de uma outra classe social - como o uso de trajes populares por gente de outras classes sociais - ou a invenção pura e simples de uma tradição popular (Cuisenier 1995: 102-106). Quem assina estas linhas possuiu uma camisa dita dos pescadores da Nazaré e uma samarra de pastor alentejano (inícios dos anos 70), com que pretendia, como muitos do seu tempo, identificar-se com "o povo". Mais à frente, voltaremos a falar desta conjuntura.

<sup>(24)</sup>Dias leccionou primeiro a cadeira semestral de Etnologia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Depois, a cadeira de Etnologia, e posterior-

No primeiro texto em que trata deste tema, Jorge Dias vincula a existência de Portugal como nação ao papel unificador desempenhado pela ligação ao mar (Dias 1961 [1950]: 99). Mas neste texto, ao falar dos "elementos fundamentais da cultura portuguesa", o etnólogo ainda está a referir-se ao que então se chamava "Portugal continental". Pouco tempo depois, irá elaborar uma representação de Portugal e das colónias, entretanto designadas como províncias ultramarinas, como um todo coerente, como uma cultura nacional. Para tal, defendeu a ideia de que cada cultura comportava dois elementos, um *estático* e outro *dinâmico*. A combinação entre ambos permitiria "[...] que a evolução se processe tanto quanto possível igual a si mesma através do devir histórico. É esta tendência conservadora que permite falar-se em carácter nacional, porque a personalidade-base ou modal de um povo permanece idêntica através dos séculos, independentemente da evolução desse povo, da mesma maneira que o carácter individual permanece uno através da vida agitada e rica de qualquer pessoa" (Dias 1961 [1958]: 177). A história portuguesa era representada como uma ilustração da combinação de ambos os caracteres, numa visão em que o comunitarismo rural se unia à expansão ultramarina. Note-se, de passagem, que Jorge Dias conferia retrospectivamente um sentido teleológico ao seu percurso pessoal de pesquisa que, iniciado com o estudo de comunidades rurais, viria a prosseguir com estudos sobre o chamado ultramar.

A teoria da nação de Dias transforma o comunitarismo que encontrara nas aldeias do Norte e a família patriarcal extensa em elementos básicos do carácter nacional - "O Português provém de velhas sociedades comunitárias, cujas raízes entroncam no clã proto-histórico. A sociedade comunitária é uma espécie de família complexa governada por um conjunto de famílias extensas de natureza patriarcal" (Dias 1961 [1957]:

mente as de Etnologia Geral e Etnologia Regional no curso de Geografia na Universidade de Lisboa, e as cadeiras de Antropologia Cultural, Instituições Nativas e Instituições Regionais no Instituto Superior de Estudos Ultramarinos (antiga Escola Superior Colonial, futuro ISCSPU). Nesta mesma escola foi criado em 1968 o Curso Complementar de Ciências Antropológicas. O primeiro doutoramento em Etnologia em Portugal foi o de Jorge Dias sobre *Os Macondes*, em 1965 (Oliveira 1968: 21-22). Consultar igualmente Pereira (1998: XXVIII). A criação do Museu de Etnologia, um pólo dinamizador da investigação e publicitação da actividade, em 1965, foi um enorme êxito de Jorge Dias (Leal 1999: 689).

155). A miscigenação seria também parte do "carácter nacional", pois Portugal já era um produto da mistura de diversos povos - Iberos, Celtas, Lusitanos, Romanos, Árabes, Berberes e Judeus (*idem*: 154). Ora, tais elementos, que faziam parte do elemento estático, eram combinados enquanto algo que persistia no elemento dinâmico, a expansão. Por isso, os portugueses reconheciam os filhos mestiços, e não conheciam o orgulho e superioridade racial de outros, tratavam os escravos como família (seriam incorporados na vivência da família extensa). Escreveria mesmo, numa alusão implícita ao universo anglo-americano, que a história ultramarina portuguesa se devia a um povo relativista desprovido do "espírito etnocentrista e obtuso do puritano" (Dias 1968: 238).

O impacto do cristianismo católico fora crucial nesse processo, pois o catolicismo estava desprovido do espírito capitalista que Weber associara ao protestantismo (*idem*). Como escreve: "A composição heterogénea do povo português e a estrutura tradicional e comunitária e patriarcal permitiram-lhe uma perfeita assimilação do espírito cristão da fraternidade, inteiramente coerente, mesmo quando posto à prova em situações de grandes contrastes raciais e culturais" (Dias 1961 [1957]: 155)<sup>(25)</sup>. Por isso, Portugal, não fizera uma expansão como as outras: a "chamada expansão ultramarina portuguesa", não se poderia confundir com "os movimentos colonizadores das nações capitalistas" (*idem*: 153)<sup>(26)</sup>.

<sup>(25)</sup>A existência de contradições na obra de Dias - uma das quais entre a sua crítica do etnocentrismo e a afirmação da superioridade do cristianismo - é colocada em relevo por Durand (1991: 127).

<sup>(26)</sup>Afigura-se-nos que Dias reproduz, modificando-os, tópicos das duas mais influentes representações da identidade nacional do Brasil no século XX: as que se devem a Gilberto Freyre (*Casa-Grande & Sanzala*) e Sérgio Buarque de Holanda (*Raízes do Brasil*). A ideia de uma fusão entre povos - mestiçagem - em Portugal, que propicia a mestiçagem no Brasil, é desenvolvida por Freyre. Jorge Dias retoma-a claramente, embora sem exaltar a influência do elemento semita - e nomeadamente mouro - em Portugal, como o pensador brasileiro. Há igualmente afinidades profundas entre estas considerações apologéticas de Dias sobre a expansão portuguesa e tópicos das observações de Sérgio Buarque de Holanda - mas estas, sublinhe-se, muito críticas da acção dos portugueses, devido notoriamente ao que poderíamos designar por ausência de racionalização (no sentido weberiano). Holanda, que havia estudado na Alemanha e conhecia a obra do sociólogo alemão, também negava que a mesma colonização, feita por católicos, se revestisse de um verdadeiro espírito capitalista como o que Max Weber vinculava ao protestantismo, embora asseverasse que a ganância e a

Dias, em cujos textos se atribui uma enorme importância, enquanto moral universal, ao cristianismo, elabora uma representação da expansão colonial portuguesa em que evolucionismo e providencialismo se conjugam. Coloca-o no contexto mais amplo duma história (evolucionista) da humanidade que parte dos caçadores-recolectores e que, após o Neolítico, a agricultura e a sedentarização, culmina numa terceira fase, que já não é uma fase de "evolução inconsciente como as anteriores", mas envolve a emergência de um programa doutrinário: é inaugurada com o nascimento de Cristo, que traz uma mensagem de união para toda a humanidade "sob um símbolo de paz, justiça e amor" (*idem*: 149-153)<sup>(27)</sup>.

Esta visão da história e da essência portuguesa, que ecoava representações dos portugueses como povo eleito para executar planos da providência divina (Albuquerque 1974: 337-373; Smith 2003), tinha todos os ingredientes para encontrar uma recepção positiva no seio do Estado Novo dos anos 50. Num tempo de conflito, em plena época da descolonização em que o estado colonial português primeiro presente a ameaça e por fim se confronta com ela, a teorização de Dias revela-se a mais adequada a um discurso que proclama a unidade entre aquém e além-mar. Desapareceu o tempo do "indigenato", da superioridade da raça branca, da hostilidade aos mestiços, do orgulho imperial, o tempo de Mendes Correia, em suma. Estamos na época da representação da expansão como "encontro de povos e culturas", tópicos de Dias que continuam a ser reproduzidos (1961 [1958]: 174)<sup>(28)</sup>.

busca da riqueza estavam presentes na expansão portuguesa. Cf. Holanda (1995 [1936]: 135,206-207). Holanda também comungava da ideia, cara a Dias, e mesmo a Ruth Benedict (1983 [1942]), de não haver entre os portugueses preconceitos contra a mestiçagem (como os registados entre os "anglo-saxónicos"). Mas esta última poderia ter conhecido as ideias de Freyre, pois este estudou com o seu mentor Boas em inícios da década de 30 (Freyre 2005 [1933]: 31).

<sup>(27)</sup>No capítulo IV da sebenta (Dias 1965-66: 149-175) é-nos reproduzida a visão comum da evolução da história em vários estádios desde o Paleolítico, que culmina na sua perspectiva com a apologia da civilização europeia e do "movimento da unidade europeia", que teria como símbolo "a cruz de Cristo".

<sup>(28)</sup>Discordamos de Thomaz, que, embora reconhecendo que um antropólogo enfatiza a raça (Correia) e o outro a cultura (Dias,) afirma que Dias não chega a conclusões muito diferentes das de Correia (Thomaz 2001: 75). É certo, como diz o autor, que ambos apoiavam a política colonial portuguesa. Porém, nem autores nem

A adaptabilidade e fusão étnica que tem como características dos portugueses - todavia portadores de uma "cultura superior" - e a importância da marca cristã na colonização portuguesa, ideias onde é notória a influência da obra de Gilberto Freyre (Pereira 1998: XXIX-XXXI), pareciam-lhe tão fortes, que achava que em sociedades onde essa fusão melhor se teria dado, como Cabo Verde, "não haveria uma cultura nova e independente da nossa", pois apenas haveria variações como as ocorridas no continente (Dias 1961 [1958]: 183)<sup>(29)</sup>.

contextos são os mesmos e é necessário atender à historicidade dos processos a nível político e discursivo que operam nesse tempo (anos 30 a 60). Simplificando, os anos 30 e ainda a década de quarenta, o tempo de eminência de Mendes Correia, são os da exaltação da "raça branca" e da ideia de Império, da eugenia, do nazismo, dos diversos impérios coloniais que parecem de pedra e cal; os anos 50-60 - os de Dias - já são os da descolonização, marcados pela acção da Unesco, da progressiva intolerância face ao preconceito racial, que cada vez é menos evocado, da defesa da assimilação. Cf. Silva (1992). Pereira (1998: XXVI-XXVII) refere diferenças entre as propostas de Jorge Dias e as de Mendes Correia.

<sup>(29)</sup>Ver como sínteses das posições freyrianas sobre o *luso-tropicalismo* a obra tardia, patrocinada pelo Estado Novo, *Le Portugais et les Tropiques* (1961). Sobre a recepção do luso-tropicalismo em Portugal ver Castelo (1998). Moutinho (1982: 432-438), que mostra com pertinência a articulação entre caracterização dos padrões da cultura nacional portuguesa, postulados evolucionistas e defesa da empresa colonial na obra de Dias, vê na caracterização da proximidade que Dias descortina entre rurais portugueses e os indígenas, uma prova de que os rurais, a maioria do povo, também estariam num estágio inferior de evolução e que assim se admitiria que só a "burguesia e nobreza cidadina" estariam num estágio superior de humanidade. Em nossa opinião, a questão é mais complexa. É certo que Jorge Dias interpreta a história humana em termos de evolução e que estabelece uma distinção, em termos já de si significativos, entre "cultura popular" - estática, local, tradicional, indiferenciada e anónima - e "cultura superior"-viva, dinâmica, crítica, individualizada. Mas deve-se ter em conta que embora o padrão cultural *popular* se identifique com a maioria da população (com a base da pirâmide) e o *superior* com as elites, há também elementos do popular nestas. Por outro lado, se o *superior* (grandes cientistas ou criadores artísticos) é identificado com o *universal*, por transcender fronteiras, o *popular*, tradicional, local, particular, é sinónimo de *nacional* - há uma identificação entre *povo* e *nação* (os itálicos são nossos). Dada esta, compreende-se a exaltação do popular em Dias, sobretudo quando em contraposição ao "burguês" - e não aos tais homens "superiores". Em nosso entender, Jorge Dias acolhe sistematicamente duas concepções de cultura - uma, etnográfica/antropológica, que valoriza as tradições, outra que vê a cultura como o produto das elites letradas - mas se fala em superioridade de

A problemática do estudo do "carácter nacional" havia-se desenvolvido no âmbito da antropologia cultural norte-americana e da corrente dos estudos de "cultura e personalidade" no contexto da II Guerra Mundial<sup>(30)</sup>. Na sequência do seu aprendizado na Alemanha, onde, como já asseverámos, é possível que tivesse o seu primeiro contacto com a mesma por intermédio da obra de Thurnwald<sup>(31)</sup>, foi com essa antropologia, ligada à tradição Oitocentista alemã, historicista, geográfica e não racista através da figura de Boas (Durand 1991: 127; Leal 2001:

uma dada forma cultural, não se infere daí que reconheça superioridade enquanto grupo social às classes que não são povo (fala em *indivíduos* e *elites* superiores, pensadores, artistas; aliás, um dos traços definidores da cultura superior é o ter cunho individual face ao colectivo e anónimo da cultura popular). Cf. Dias (1961 [1958]: 81-95). Todavia, esta não é uma questão que possa ser resolvida através de uma simples análise de textos singulares. Tem que ser vista à luz do sentido global que podemos deduzir de toda a obra e acção de forge Dias, onde caiba também a análise do contexto histórico em que viveu e dos efeitos da sua posição de classe (revelados, por exemplo, quando aceita com toda a naturalidade como parte do que chama "Tradição portuguesa" a existência de "criadas de servir", só *tradição* por certo para quem as podia contratar e para quem era coagido para sobreviver - mulheres pobres jovens de origem rural, quase sempre - a suportar um estatuto tão pouco remunerado e tão dependente). Voltaremos a este tópico mais à frente.

oo) Ver sobre os estudos do "carácter nacional" Neiburg (2001). Uma crítica feroz dos mesmos e da noção subjacente, que entende que tais estudos repetem estereótipos antigos e submetem à generalização simplificadora comportamentos extremamente diversificados, encontra-se em Baroja (2004), um autor citado com alguma frequência por Dias.

<sup>(31)</sup>fahoda (2007), que estudou comparativamente o "Diário" de Malinowski, já publicado, e o diário inédito de Thurnwald, fornece uma apreciação do último, quer no plano intelectual quer no das atitudes "ocultas" que denotam a assunção da superioridade dos brancos, quer ainda quanto à sua relação pessoal com o nazismo, que teria passado de alguma crítica inicial às ideias coloniais deste até à sua adopção posterior. Sublinhe-se que não se conhecem em Jorge Dias, de que apenas estudamos os escritos publicados, expressões de menosprezo dos chamados "primitivos" idênticas às expressas, de modo distinto, por ambos estes antropólogos. Tenha-se entretanto em conta que eles pertenciam a uma geração anterior à sua e que estes escritos não eram destinados à publicação. Cf. igualmente a respeito de Thurnwald, West (2004: 77-78).

52; Bunzl 1996; Liss 1996), que Dias veio a sentir grandes afinidades<sup>(32)</sup>. Era nessa tradição, marcada pelo enfoque herderiano do *Volkgeist*, que havia surgido o interesse pelos estudos do *Nationalcharakter* (Bunzl 1996). A antropologia britânica emerge cedo na sua obra com a referência a James Frazer em *Vilarinho da Furna*. Porém, em relação aos funcionalistas, Dias manifesta reservas (*idem*: 88-89), pois entende que o estudo de uma realidade como sistema social - o modo "como uma determinada sociedade se organizou no sentido de encontrar satisfação para as suas necessidades materiais e espirituais", o "saber como vivem" - não basta; será necessário, cito, "saber como pensam e sentem" (*idem*). Refere-se a Malinowski (Dias 1961 [1959], 1965-66), mas não parece que a sua leitura tenha sido importante para o seu tipo de antropologia. Além disso, critica a ausência de dimensão histórica - para ele tão relevante - no funcionalismo britânico (Dias 1965-66: 227).

A atitude em relação à antropologia social britânica decorreria também do facto de identificar uma matriz durkheimiana na mesma, em Radcliffe-Brown de modo explícito. Ora, para Jorge Dias, a sociologia de Durkheim, de cuja obra só parece ter um conhecimento superficial, ao insistir na existência de factos sociais exteriores ao indivíduo, afastava-se das preocupações com o individual, o humano e os padrões de cultura, que fariam a especificidade da antropologia que mais estimou: o culturalismo norte-americano. A sociologia parecia-lhe também ser uma disciplina de gabinete, que estudava à distância com métodos quantitativos e estatísticos<sup>(33)</sup>, que lhe davam um carácter abstracto e desumano,

<sup>(32)</sup>Reteve muito, por exemplo, da obra de Benedict, também uma estudiosa do carácter nacional (Benedict 1946), como o seu configuracionismo, a ideia de "padrões de cultura", o papel da tradição enquanto solidificação do costume no tempo e recorreu à bipolarização nietzscheana entre "apolíneo" e "dionisíaco" que ela havia utilizado para contrastar culturas (Benedict 1934). Estes autores apenas são mencionados em textos posteriores à sua primeira monografia - *Vilarinho da Furna* - sobre o Norte. Aliás, os anos que se seguem à elaboração de *Vilarinho* são anos de aprendizado, como verifica quem ler a produção posterior de Dias.

<sup>(33)</sup>Note-se que Jorge Dias (1961-57: 157) assinalava que a industrialização, ligada ao protestantismo, ao primado do lucro e do progresso, leva as sociedades humanas para "uma mentalidade em que predominava o abstracto e o quantitativo. Para ele, os portugueses, vinham de um mundo qualitativo - "mais conforme ao comum dos homens" - isto é, não dominado pelo lucro e pela indústria,

enquanto a antropologia lidava na intimidade com comunidades onde podia apreciar a variabilidade do humano. As preocupações de rigor limitariam a sociologia ao estudo de fenómenos sobre os quais pudesse reunir o máximo de dados controláveis, enquanto a antropologia procurava estudar a totalidade de uma cultura; a sociologia realizava os seus melhores trabalhos sobre sistemas estruturais e padrões sócio-demográficos, enquanto a antropologia cultural daria o seu melhor no estudo de "problemas subtis": religião, magia, configurações sociais da emoção (Dias 1958:13-27). Todavia, defendia a colaboração entre ambas as ciências, próximas, com muitos pontos comuns, bem como o recurso à história<sup>(34)</sup>.

### **3. O momento expansivo**

Com o advento do regime democrático, a situação da antropologia altera-se radicalmente. A antropologia (cultural), que sobrevivia até então, muito ligada à acção de Jorge Dias (Oliveira 1968: 21), virá a ser implantada como licenciatura em várias universidades: em Coimbra, só nos 90, ligando-se aí à antropologia física, cujo estudo não havia sido interrompido; na Universidade Nova de Lisboa, com uma componente biológica; no ISCTE, onde seria exclusivamente social ou cultural; na antiga escola de Dias, transformada em Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP)<sup>(35)</sup>. Outras se seguiram efemeramente no sector privado. A disciplina esteve mesmo presente transitoriamente no ensino secundário. A implantação da democracia foi a condição de emanci-

teriam assim maior facilidade em relacionar-se com as populações primitivas. Mais uma vez, parece-nos de assinalar a articulação entre este tipo de ideias e as expressas por um Buarque de Holanda.

<sup>(34)</sup> A ausência de compreensão da teoria sociológica, e de Durkheim em particular, tão importante para a antropologia social britânica, é sublinhada por Pina Cabral (1991: 35). De facto, não há qualquer impacto da obra do sociólogo francês em Jorge Dias e há mesmo incompatibilidades insanáveis. Como conciliar a ideia da religião como produto social de Durkheim com a concepção da transcendência e superioridade do cristianismo, tão cara a Jorge Dias?

<sup>(35)</sup> Para um historial das mesmas até ao início da década de noventa do século passado, em que se contemplam as suas inter-relações, por vezes conflituosas, e paradigmas dominantes, ver Pina Cabral (1991:11-12; 37).

pação da antropologia e de todas as ciências sociais, que possuíam um estatuto subalterno no campo intelectual e académico, ao possibilitar um contacto, não só não policiado, como mesmo apoiado, entre estudiosos e sujeitos sociais que agora se (re)descobriam e ao abrir as fronteiras à comunicação disciplinar.

Logo na sequência da mudança de regime, iniciam-se diversos projectos de investigação em Antropologia em Portugal, que virão a ser publicitados na década seguinte ou mesmo depois, e que possuem alguns traços comuns: são desenvolvidos em áreas rurais (camponesas); estudam pequenos agregados e possuem as ambições holistas, não obstante ênfases distintas de problemática, dos *estudos de comunidade*; situam-se predominantemente no Norte (sobretudo em Trás-os-Montes e no Minho). Sem ser exaustivo, penso nas monografias de Brian O'Neill (1984), Joaquim Pais de Brito (1995), João de Pina-Cabral (1986) e na de um antigo colaborador de Dias, Manuel Viegas Guerreiro (1980-82) - todas assentes em trabalho de campo realizado na 2ª metade dos anos setenta. O trabalho de Colette Callier-Boisvert (1999) começara ainda antes, na década de sessenta. Depois, nos inícios dos anos oitenta, vieram Caroline Bretell (1986), Alice Geraldès (1987), Jeff Bentley (1992). Raúl Iturra viria posteriormente para a Beira Alta (1991), tendo anteriormente realizado investigação na Galiza (1988). A estes juntaram-se posteriormente outros, de que não tratarei aqui, pois considero que pertencem à segunda vaga, aquela que foi para o terreno a partir de meados da década de oitenta.

Não haverá nesta fase a mesma deslocação para os campos do Sul, o que não deixa de suscitar interrogações<sup>(36)</sup>. Esse Sul era então um foco de atenção devido ao conflito social e político intenso que o percorre: a Reforma Agrária. Essa atenção vinha de longe, tendo-se intensificado a partir do fim do século XIX, quando a problemática do latifúndio suscitou críticas e projectos reformistas no sentido da partilha da terra e da sua colonização por pequenos agricultores, visando o aumento da produção (Caldas 1991). O Sul - e refiro-me em concreto ao Ribatejo e Alentejo - também fora o referente por excelência de um dos mais importantes movimentos literários portugueses, o neo-realismo, tão importante na educação política da oposição ao Estado Novo. Existia além do mais

<sup>(36)</sup>Uma pequena monografia realizada no Algarve (Jenkins 1979) constitui uma excepção.

uma monografia antropológica importante, conquanto pouco conhecida, sobre uma comunidade alentejana. Com efeito, publicada em inglês em 1971, a obra de José Cutileiro só em 1977 seria editada em português sob o título de *Ricos e Pobres no Alentejo*<sup>(37)</sup>. Sublinhe-se, por fim, que uma obra sem paralelo, na sua amplitude e no seu carácter socio-económico, na historiografia contemporânea sobre o território português, tinha o Sul como objecto: *Le Portugal Méditerranéen à la Fin de l'Ancien Régime*, de Albert Silbert (1966). Mas esta também era só conhecida de uns poucos e nunca foi traduzida para português (foi reeditada pelo então Instituto Nacional de Investigação Científica em francês, em 1978).

Poder-se-á pensar que o pouco conhecimento existente fora de circuitos muito especializados sobre o Sul talvez possa contribuir para explicar essa ausência de investimento dos antropólogos. Ausência que curiosamente se faz sentir num momento revolucionário, que atrairá outros cientistas sociais estrangeiros a essa zona e será objecto de uma obra importante da sociologia rural portuguesa: a de Afonso de Barros (1996). Por isso, o desconhecimento não parece ser razão, ou razão suficiente, para interpretar esta falta de interesse dos antropólogos deste período pelo Sul. O conflito propriamente dito poderia mesmo constituir um atractivo, pois os anos 70 também foram uma época marcada pela atenção dada aos movimentos sociais no mundo rural (como se vê pela produção de historiadores influentes como Eric J. Hobsbawm ou de antropólogos como Eric Wolf)<sup>(38)</sup>. Que razões terão então levado a que este primeiro momento de expansão da antropologia pós-democrática tivesse como cenário o Norte? Note-se que a opção pelo estudo do Norte e pelo

<sup>(37)</sup>Outras obras sem impacto imediato em Portugal, onde não foram editadas, foram as monografias dedicadas a uma comunidade da Estremadura por Joyce Riegelhaupt, *In the Shadow of the City* (1964) - que destacava a grande diferença entre São João das Lampas (Sintra), praticamente sem terras comuns, onde trabalhou e as "aldeias comunitárias" conservadoras estudadas por Dias - e o estudo da aldeia minhota de montanha, Soajo, por Collette Callier-Boisvert, *Soajo. Une Communauté Rurale Féminine de l'Alto Minho* (1966). Cf. Leal (1999).

os) o influente livro de Eric Hobsbawm *Rebeldes Primitivos*, que trata sobretudo de movimentos sociais rurais, é de 1959; a obra *Peasant Wars of the Twentieth-Century*, de Eric Wolf, é de 1969. A Hobsbawm poderiam acrescentar-se os nomes de Rudé, Mousnier, Philip Wolf, Bercé, etc.

campesinato - por diversas fracções do campesinato - foi partilhada com sociólogos e historiadores<sup>(39)</sup>.

Podemos tentar descortinar algumas dessas razões. Uma delas residirá no facto de no Norte existirem colectividades percebidas como camponesas, quer dizer espaços sociais compostos maioritariamente por pequenos produtores, que cultivavam a terra com recurso ao trabalho familiar e prioritariamente para o auto-consumo. E assinala-se que, se os espaços mais prestigiados da investigação se localizam hoje nas cidades, eles pareciam então estar no campo, havendo um certo número de motivos que poderão contribuir para explicar tal facto. Em primeiro lugar, deve-se ter em conta a importância do campesinato na história contemporânea do século XX - patente no seu papel nas revoluções mexicana, russa ou chinesa, na luta no Vietname, por exemplo, e no facto de o mesmo constituir a maioria da população em diversos continentes<sup>(40)</sup>. Depois, as preocupações com a miséria e o subdesenvolvimento e com a reforma agrária na América latina e com a situação camponesa um pouco por toda a parte. Era um campesinato que havia desaparecido de áreas como a Inglaterra e os Estados Unidos - substituído pela agricultura capitalista - que estava em declínio em França, mas que ainda sobrevivia no Sul da Europa e que atraía a atenção de antropólogos do Norte. Os camponeses eram um *Outro signifiante* que concorria com as populações coloniais como atractivo<sup>(41)</sup>.

Obras de síntese como *Peasants* (1966) de Eric Wolf, *Sociétés Paysannes* de Henri Mendras (1976), antologias como *Peasants and Peasant Societies* de Theodor Shanin (cuja primeira edição data de 1971), são elementos que mostram o relevo dado nesse tempo ao estudo do campesinato.

<sup>(39)</sup>Entre eles, Madureira Pinto, Ferreira de Almeida, Manuel Carlos Silva, José Portela, Fátima Brandão, Rui Feijó, João Arriscado Nunes, Robert Rowland, etc.

<sup>(40)</sup>De acordo com Peter Worsley (1984:70), ainda representaria então mais de 80% dos habitantes nos países mais populosos do mundo, a Índia e a China.

<sup>(41)</sup>Em inglês, "outro signifiante", é a designação dada a alguém, como o marido ou a mulher, com o qual se tem uma relação especial. Já foi usada por outros cientistas sociais para designar, por exemplo, a relação entre nacionais e estrangeiros vizinhos. Uso-a aqui para significar precisamente não só a proximidade e distância que caracterizam simultaneamente a relação entre os rurais e os urbanos nas nossas sociedades, como o modo como os primeiros contribuíram para definir, por contraponto, uma identidade (dita urbana, culta, civilizada, educada, etc.).

É urna época que assiste ao aparecimento de grandes estudos de historia rural na Europa, como os de DUBY (1962) ou de Le Roy Ladurie (1969-66) e de algumas das revistas internacionais mais influentes neste domínio, como a *Études Rurales* (1961) e o *Journal of Peasant Studies* (1973)<sup>(42)</sup>.

Em Portugal, o campesinato, objecto predominante da etnografia, era parte integrante de uma população rural importante, embora em declínio acelerado. A agricultura fora a ocupação da maioria da população activa portuguesa até ao pós-guerra e o campesinato - representado como morigerado, católico, ícone da solidez familiar, obediente, respeitador das hierarquias, submisso, conservador - utilizado como imagem da sociedade ideal pela ideologia do Estado Novo<sup>(43)</sup>. Este campesinato, proprietário e/ou rendeiro, era um objecto muito distinto do trabalhador rural, do proletário que habitava o Sul.

O facto de no campesinato a unidade de produção ser a família (grupo doméstico) teve um forte impacto na investigação então desenvolvida. Tal conduziu, por um lado, à redescoberta da teorização da economia camponesa produzida pelos populistas russos e sobretudo por Chayanov, em que se mostrava que a lógica da mesma residia não na maximização do lucro mas na satisfação das necessidades do grupo familiar, cuja composição variava no tempo (Worsley 1984: 69-83); por outro, o campesinato, que de qualquer maneira representava a maioria dos grupos históricos humanos, era o foco de estudos sobre a família realizados na Europa, envolvendo historiadores, demógrafos, sociólogos e antropólogos. Lembrem-se a título de exemplo trabalhos publicados antes ou logo a seguir a 1974, mas que decorrem de pesquisas iniciadas anteriormente, como os de John Davis, *Land and Family in Pisticci* (1973), ou os sobre a aldeia francesa de *Minot* de Françoise Zonabend (1980) Marie Claire-Pingaud (1978), Tina Joias, Yvonne Verdier (1979). Não se pode esquecer o trabalho do *Cambridge Group for the Study of Population and Social Structure* (Laslett e Wall 1972) conhecido em Portugal

<sup>(42)</sup>Ambos os autores virão a ser professores do Collège de France, o ponto culminante de uma carreira académica em França.

<sup>(43)</sup>Em 1950 a maioria da população activa do continente ainda trabalhava na agricultura, com excepção dos distritos de Lisboa e Porto. Em 1981, a situação, devido à emigração, mais pronunciada a partir dos anos 60, havia-se modificado, e a população activa agrícola não era a maioria em nenhum. Cf. Da veau (1995: 154-155).

principalmente através da divulgação de Robert Rowland, com a sua indagação sobre os grupos domésticos e a elaboração de tipologias e os estudos feitos na sua esteira sobre o casamento e a reprodução social. Esta última, e nomeadamente o casamento e as práticas de herança, contempladas em estudos influentes como os de Jack Goody - *Production and Reproduction. A Comparative Study of the Domestic Domain* (1976) -, em colectâneas como *Family and Inheritance...* (1976) em artigos de enorme impacto como "Célibat et Condition Paysanne" (1962) e "Les Stratégies Matrimoniales dans le Système de Reproduction" (1972), ambos de Pierre Bourdieu, foram alvo de grande acolhimento entre os antropólogos, para quem o parentesco era tradicionalmente um dos objectos principais, e que já vinham trabalhando alguns destes aspectos antes<sup>(44)</sup>. Foi este o caso de Dias, que sublinhara como o controlo estrito da reprodução, através das restrições matrimoniais, do celibato, do casamento tardio, da devolução do património, móvel e imóvel, a um único herdeiro, da colaboração fraternal, eram a chave da reprodução da casa - o conjunto formado pela família e seu património - em Rio de Onor, o mesmo é dizer, do seu sistema social peculiar.

Havia, em síntese, motivos de ordem diversa - políticos, ideológicos, disciplinares - que explicam esta aposta por terrenos de investigação nortenhos. Mas havia algo mais que, em meu entender, deve ser tido em consideração se quisermos compreender cabalmente esta preferência pelo Norte neste período.

#### 4. O fascínio do Norte

Jorge Dias produziu as monografias que o tornaram famoso tendo como objecto duas aldeias do Norte. Eram obras já antigas, em 1974, mas o seu halo fascinante não só persistira, como revivera com a realização de filmes sobre as aldeias monografadas, uma das quais acabaria submersa no leito da albufeira de uma barragem. São ambos de

<sup>(44)</sup>Chiva (1993: 233) assinala a importância da temática da reprodução - familiar, social, económica, cultural, das estruturas fundiárias, etc. - na etnologia francesa deste período (dos anos 60 em diante), que constitui, com a antropologia social britânica, a matriz teórica básica da maioria da produção antropológica portuguesa deste período.

António Campos: *Vilarinho da Furna* é de 1971 e *Falamos de Rio de Onor* veio a estrear precisamente em 1974.

A passagem ao cinema concorreu para conferir à obra de Dias e aos territórios a que se reporta uma aura popular que não se limitou aos locais estudados, mas abrangeu o que lhes era contíguo espacialmente. Assim terá contribuído para fazer das áreas montanhosas do Norte, e sobretudo de Trás-os-Montes, um espaço privilegiado no cinema português da época. Ao *Acto da Primavera* (1962), filmado em Curalha, do também portuense Manuel de Oliveira, seguem-se *Festa, Trabalho e Pão em Grijó de Parada* (1973), de Manuel da Costa e Silva, até, já depois de 1974, as *Máscaras* (1976) de Noémia Delgado, sobre os "caretos", e finalmente *Trás-os-Montes* (1977) de António Reis e Margarida Martins Cordeiro. São muito significativas as palavras de António Reis, praticamente um conterrâneo de Dias e Oliveira, quanto ao significado de Trás-os-Montes para si: "Eu nasci numa província sem força, sem beleza, sem expressão, já [itálico meu] apagada, a 6 km do Porto. Daí o meu desejo interior de renascer noutra lugar. E a primeira vez que fui a Trás-os-Montes [...] senti que renascia ali. [...] Há uma espécie de comunismo primitivo nessas regiões. E sente-se que, por vezes, eles estão mais perto do futuro do que as pessoas da cidade". (Nunes 2003: 303)<sup>(45)</sup>.

Este tipo de representações explica o lugar dos territórios do Norte na antropologia emergente dos anos setenta. Em dois casos pelo menos - Pais de Brito e O'Neill - os autores foram tratar territórios marcados por características ditas comunitárias, no caso de Brito a própria Rio de Onor. Mesmo a desaparecida Vilarinho não era muito distante dos lugares onde Callier-Boisvert, Pina Cabral e também Luís Polanah e Alice Geraldês realizaram os seus estudos<sup>(46)</sup>. Uma das colectividades estudadas pelo sociólogo Manuel Carlos Silva (1998), Lindoso, também se situa nas montanhas do Minho, não muito longe da desaparecida Vilarinho.

<sup>(45)</sup>Ainda retenho uma memória sensorial da exaltação sentida quando me desloquei a Rio de Onor (em 1976), onde então se encontrava Joaquim Pais de Brito, e onde conheci Brian O'Neill.

<sup>(46)</sup>Pina-Cabral (1986: 2) revela ter escolhido duas comunidades que fossem mais típicas do Minho do que a desaparecida Vilarinho, estudada por Jorge Dias, ou mesmo o Soajo. Mesmo neste caso, em que se procurou estudar um espaço social diferente, o confronto com a obra de Dias era incontornável.

Dias construiu uma representação empática dos lugares que estudou. O habitante de Vilarinho era tratado como o representante vivo do nosso habitante castrejo, com um "forte espírito de comunidade e o sentimento terrantês indomável", o que significa que Jorge Dias, como outros, o considerava um representante vivo dos mais longínquos antepassados nacionais portugueses. Esse habitante era visto, na óptica da cultura letrada e evolucionista em que ele se situava, como destituído de cultura, ou arte, submetido aos constrangimentos do meio, com um pensamento a mover-se ainda em estádios semi pré-lógicos, dominado pela acção de forças invisíveis duma mentalidade mítica e mágica (Dias 1981 [1948]: 86,177,205-206). Desconhecendo as verdadeiras causas do que o atinge, estava-lhe reservada, no máximo, a religião como a explicação. Porém, ele não era, na essência, diferente, do cidadão norte-americano, modelo do "adiantado progresso material" (*idem*: 80) - vivia era submetido a outras condições<sup>(47)</sup>. A fase civilizacional em que se encontraria não obstava a que a sua organização revelasse fortes sentimentos de solidariedade - uma solidariedade muito maior do que em zonas onde a apropriação e expropriação do solo seria, na expressão do autor, individualista (*idem*: 95). A atitude individualista do homem moderno seria ali rara; este serrano não teria bem nítido o sentido da riqueza individual como o homem moderno (*idem*: 114). O germe do mal seria mesmo a ambição individualista. Havendo diferenças de posses, não havia diferenciação de classes. Vilarinho, à margem da civilização, constituía uma irmandade perfeita (*idem*: 182), os "homens da serra" seriam "solitários e livres". Vilarinho seria também, pela sua organização de vizinhos que elegia os seus dirigentes, um modelo perfeito do que se denominava como "democracia representativa" (*idem*: 86).

Esta representação da comunidade rural prolonga-se em *Rio de Onor*, que o autor estudaria mais pormenorizadamente em seguida, num trabalho de maior fôlego, onde são notórios os contributos de alguma antropologia

<sup>(47)</sup>Deve-se ter em conta que o pensamento de Jorge Dias sobre alguns destes temas, em particular no que se refere à "mentalidade primitiva", em que há uma convergência com as teses de Lévy-Bruhl, variou no decurso do tempo, como se pode constatar pelas considerações formuladas na década de sessenta (Dias 1965-66: 89-91). Mas neste contexto não procuro propriamente debater problemas conceptuais da abordagem de Dias, antes delinear a representação construída por Dias da comunidade e dos seus habitantes.

cultural norte-americana - a caracterização de certos comportamentos festivos e lúdicos como dionisíacos, seguindo Ruth Benedict (1934). Também aí existe um desenvolvimento das propostas referentes à gênese do comunitarismo, contemplando uma ponderação da articulação entre a geografia e os contributos etno-históricos, à casa/família, ao tipo de casamento e de estratégias sucessórias, bem como à actividade agrícola e pastoril e às festividades cíclicas (sem esquecer, bem entendido, a cultura material e o cancionero).

Também sublinha em Rio de Onor a falta de sentido capitalista; era uma economia autárquica, pouco vendendo para o mercado. Caracterizava o sistema local como "democracia representativa", tendente à igualdade e à justiça social, reinando um sentido profundo de igualdade entre todos (Dias, 1984 [1953]: 60; 95; 82-83; 86). Reconhecia, contudo, a existência de diferenças económicas, dividindo a população em quatro grupos em termos de rendimento, e referia que com a constituição de famílias excluídas do *conselho* - o órgão representativo dos vizinhos que regia a vida aldeã - teria aparecido pela primeira vez a desigualdade social (*idem*: 328).

Esta representação das aldeias comunitárias está muito próxima de imagens da *comunidade* correntes no século XIX, em que ela surge genericamente como o oposto do mundo urbano que então desabrochava: a fraternidade, a igualdade, a ausência de espírito capitalista, a solidariedade suposta reinar nela, eram o inverso do mundo urbano (Nisbet 1966; Sobral 1999). Por certo, essa imagem não devia deixar de ser aliciante para aqueles cujo aprendizado intelectual decorrera num momento peculiar da história do ocidente, o da importância do que se denominou a *contracultura*. Por tal entende-se um conjunto de ideais e atitudes contra a ordem e os valores sociais vigentes, que se manifestou a partir dos finais dos anos 60, associado à contestação à guerra do Vietname, passou pelo Maio de 69 francês, pelo movimento *hippy* e desabrochou em tentativas de regresso à terra, de constituição de comunidades onde reinaria a igualdade e onde se regressaria, inclusive, ao trabalho manual: agricultura, artesanato em geral, cerâmica, tecelagem. Era a época dos cursos de cerâmica e de tecelagem artesanal nas cidades. Foi o tempo em que os jovens ocidentais usaram o calçado que os rurais haviam abandonado ou estavam a deixar: os tamancos.

Comparem-se as afirmações de Dias com as de um sociólogo britânico contemporâneo dessa movimentação e que a estudou: "[...]a este movi-

mento faltam quaisquer fins ou objectivos bem definidos excepto a da preocupação dos seus membros em transformarem as suas vidas [...] e a sociedade estabelecida, para criar uma ordem social alternativa caracterizada por valores opostos aos que prevalecem na actualidade. Contrapõem ao valor do individualismo competitivo os valores da cooperação e da fraternidade entre as pessoas [...] procuram substituir a democracia parlamentar por novas formas de tomada de decisão que envolvem a devolução de poder, e buscam substituir o sistema de produção capitalista de produção para o lucro, sustentado por uma procura estimulada de modo artificial, por um sistema de produção para o uso de modo a satisfazer necessidades genuínas..(Rigby 1974: 1-2)<sup>(48)</sup>.

Em meu entender, este contexto deve ser tido em conta se quisermos compreender a atracção sentida na época pelo campesinato e em particular por estas aldeias montanhosas do Norte. Não pretendo estabelecer mais do que este nexos, que possivelmente não será válido para explicar as opções de todos os autores implicados.

Não há dúvida que estas comunidades, que representou tão apaixonadamente, eram para Jorge Dias o contraponto do mundo urbano e da classe social em que nascera. Não o disse explicitamente, mas podemos deduzi-lo, em minha opinião sem cair em arbitrariedade, de muitas das suas escolhas em termos de objectos de pesquisa, do conteúdo dos seus textos, e da sua trajectória biográfica, sobretudo até à assunção algo tardia de um lugar na universidade.

Não sabemos muito, todavia, da sua biografia, e o que sabemos provém de escassos testemunhos que se repetem: os de Ernesto Veiga de Oliveira, João Lupi e Orlando Ribeiro. Dão-nos genericamente o retrato de um trajecto de um jovem em ruptura com as expectativas do seu meio familiar e social. Nascido em 1907, António Jorge Dias, filho de uma família da "sólida burguesia portuense", tipicamente com propriedade no Minho, durante anos nem estudou - veio a fazer o liceu tardiamente - nem mostrou apreço pela actividade económica. Em contrapartida, aplicou-se ao atletismo e ao ciclismo. Abandonou a urbe, indo viver para

<sup>(48)</sup>0 que não impedia que Dias, em texto de Maio de 1968, criticasse os jovens que contestavam os valores "materialistas" vigentes - jovens que, segundo ele, talvez tivessem alguma razão - mas que aceitavam a mesada dos pais (Dias 1968: 246).

uma aldeia montanhosa, a Gralheira. Percorreu, de saco alpino às costas, as serras e planaltos elevados do Minho e de Trás-os-Montes, contactando com as populações. Chegou a partilhar a vida de um circo itinerante. Vendeu guarda-chuvas. Teve a dúbia honra de ser importunado pelas autoridades (Oliveira 1974:11-12; Ribeiro 1981; Lupi 1984: 25-27).

Esta atitude indicia, por um lado, curiosidade perante a vida rural de um país, que muitos urbanos desejavam conhecer, tanto mais que se assistia, em Portugal e no exterior, como já se assinalou, a uma grande exaltação do rural identificado com o *tradicional* e genuinamente *nacional* (Lichtheim 2000 [1972]: 145-161). A carnificina representada pela guerra de 1914-18 teria sido responsável, a fazer fé em Lichtheim (*idem*), por um forte distanciamento dos valores sociais e morais prevalecentes, com incidências políticas conhecidas: contestação da democracia liberal, pela esquerda e pela direita. A aspiração ao "comunitarismo", a nostalgia romântica por um mundo - de artesãos e camponeses - que Lichtheim detecta sobretudo na Alemanha de Weimar e da ascensão nazi, não são exclusivos desse país. Não há dúvidas que o gosto pelo rural enquanto comunidade é forte em Dias, como o é a sua recusa do urbano. Na conhecida classificação de Tönnies, ele procurava a *Gemeinschaft* (comunidade) e distanciava-se da *Gesellschaft* (associação). Ora, a primeira designação corresponderia a agregados humanos como os engendrados pelos laços familiares, de vizinhança, pela propriedade em comum, pelo consenso; a segunda designaria universos contratuais em que se agregavam indivíduos isolados<sup>(49)</sup>. Ainda em textos mais tardios de Dias aparece a sua hostilidade ao industrialismo (1961 [1957]: 157). Este, ao absorver toda a "mão-de-obra livre", seria responsável pela alteração de "toda uma tradição familiar", e com elas por certo do "carácter nacional português", com o desaparecimento das "criadas de servir" (*sic*) - componente indispensável, portanto, das tais enormes famílias patriarcais da "tradição portuguesa" - e pelo fim de uma sociedade de classes, tudo transformado em "burguesia" (1961 [1958]: 180)<sup>(50)</sup>. Em 1968, está mais sombrio;

<sup>(49)</sup>Embora Tönnies concebesse estes dois modelos como tipo-ideais, não deixava de identificar o primeiro com o mundo pré-capitalista da produção para uso, com o rural, e o segundo com a produção capitalista e o urbano (Sobral 1999:42).

<sup>(50)</sup>O tópico de uma tradição portuguesa de famílias patriarcais encontra-se na *Casa Grande & Senzala* de Freyre, obra em quem Dias poderá provavelmente ter colhido inspiração também a este respeito.

pensava que a emigração, a televisão, a cultura de massas, o domínio do económico, eram factores que estavam a destruir fatalmente o carácter nacional português (Dias 1968).

Essa busca da alteridade desejada, que me parece explicar não apenas uma parte da trajectória do jovem Dias, mas selar de certo modo o destino ulterior do etnólogo profissional - encontra paralelo nas atitudes de autores de quem se sentirá mais próximo depois da 2ª Guerra Mundial: os antropólogos culturais norte-americanos. Essa procura do diferente, em ruptura com o estabelecido - a vida urbana das metrópoles, a civilização industrial - levou também alguns deles, como Ruth Benedict, ao Sudoeste americano, ou Redfield ao mundo rural vizinho da cidade do México (Stocking Jr. 1989: 208-276).

O percurso de Dias passará pela sua licenciatura em Germânicas e uma estadia na Alemanha, como leitor do estado português, onde se doutora em *Volkskunde* (etnologia europeia) e conhece a segunda mulher. Nada sabemos de profundo sobre essa fase da sua vida, ou as razões das suas escolhas - porquê estudar Germânicas? Porquê a Alemanha? Não nos cabe especular. Deve dizer-se que, com uma história impregnada pelo nacionalismo - como as etnografias, histórias, etc. de outros países - pela preocupação de distinguir o *nacional* do *estrangeiro*, com as suas especulações raciais, o *Volkskunde* nacional-burguês alemão terá preparado o terreno onde veio a impor-se o *Volkskunde* nazi - embora alguns representantes da tradição burguesa nacional não se tenham incorporado nas visões nazistas e tenham sido perseguidos (Lixfeld 1994). Assinale-se igualmente que existia uma antiga tradição antropológica germânica liberal de que Boas era herdeiro, como se disse. O que sabemos de sólido é que o racismo, a visão da história como luta de raças e a hostilidade ao cristianismo (à herança judaico-cristã) - devido ao seu universalismo contraditório com o nacionalismo extremo dos nacional-socialistas, e à sua proclamada defesa dos mais fracos e dos valores da piedade e do amor, em oposição ao darwinismo social subjacente ao nazismo e aos supostos verdadeiros valores germânicos da bravura, da honra, da disponibilidade para a guerra (Lixfeld 1994: 65-92; Llobera 2004: 135-143) - estão em completa contradição com todos os escritos conhecidos de Jorge Dias que nos surge sempre profundamente identificado com o cristianismo. A sua biografia envolve ainda uma estadia como Leitor em Espanha, de onde lhe virá algum conhecimento de autores espanhóis. O mais

citado dos etnólogos será Julio Caro Baroja, que não apoiava o regime de Franco<sup>(51)</sup>.

Embora saibamos pouco da vida de Dias, a sua trajectória revela um grande distanciamento face ao mundo urbano, capitalista e na sociedade rural sentia também menos simpatia pelas suas componentes ditas individualista e capitalista - esta última tida como imperante a Sul do Tejo (Dias 1984 [1953]: 17). E nesse trajecto reconhece-se uma forte empatia, tocada pelo nacionalismo, pelo mundo rural popular. Tal é notório desde logo no texto sobre Vilarinho. Elementos da cultura local como as danças e músicas populares pareciam-lhe superiores às citadinas e estrangeiras. Escreve: "O que é notável neste pequeno povo, é a extraordinária independência de pensamento, a clara inteligência e a preocupação com os problemas da vida e do Além, que ultrapassam de longe os da nossa burguesia média" (Dias 1981 [1948]: 290).

## 5. O *Outro* aqui tão próximo

Jorge Dias faleceu em 1973. Tomara-se uma figura reconhecida. (Oliveira 1968). Para tal contribuiu, sem dúvida, o facto de apoiar o esforço colonial português - numa época em que esta se transformara na questão vital do regime - e ser o antropólogo absolutamente dominante nas últimas

<sup>(51)</sup> Sustentou-se que a passagem de Dias pela Alemanha nazi e pela Espanha franquista - países com os quais Portugal tinha relações diplomáticas e onde Dias foi Leitor - é, "no mínimo, ambígua" (Thomaz 2001: 74). É intrigante, sem dúvida. Será de lembrar, contudo, que nem todos os que viviam na Alemanha nacional-socialista eram nazis ou todos os espanhóis na década de quarenta, franquistas. Baroja, um liberal, pertencia durante a guerra de 1939-45 ao círculo do British Council; o seu tio, o famoso romancista Pio Baroja, foi ameaçado, e as suas críticas ao nacionalismo espanholista, publicadas em vida de Franco, são bem sintomáticas da sua distanciação (Baroja 1978 [1972]). Veja-se que Dias estudou em Munique, onde precisamente um professor de filosofia, psicologia e do cancionero popular, Kurt Fluber, era o mentor do grupo de resistência *Rosa Branca*, sendo por isso executado pelos nazis (Lixfeld 1994: 63); todavia, o seu director de tese, Höfler (Oliveira 1974:12), era membro do partido nazi em 1937, e de um grupo de estudos dependente das SS de Himmler (Lixfeld 1994: 252). Partilho a opinião de Pina Cabral (1991: 34) de que a passagem de Jorge Dias pela Alemanha não o conduziu à simpatia pelos ideais nazis.

duas décadas do Estado Novo. A ele e a colaboradores directos se deve o maior esforço da antropologia colonial portuguesa, *Os Macondes de Moçambique*<sup>(52)</sup>. Mas esse facto não lhe parece ter arruinado o prestígio nas novas gerações estudantis de inícios dos anos 70, gerações cuja militância política tinha precisamente como pedra angular a oposição à guerra colonial. Pode-se dizer que esse aspecto foi colocado entre parênteses<sup>(53)</sup>. O mesmo sucedeu às suas tentativas de caracterizar o "carácter nacional português". Essa temática não suscitou entusiasmo. Se, como já se escreveu, a primeira geração de antropólogos posterior ao 25 de Abril dialogou com o passado da disciplina e em particular com a obra de Jorge Dias (Cabral 1998:122), o seu interesse pelo "povo português" não incidiu sobre a essência - o *carácter nacional* - que ele procurou retratar. Esse tipo de estudos, aliás bastante fora de moda em antropologia já na época (1974), não encontrou continuadores.

Jorge Dias justificara a escolha do seu objecto na sua dissertação de Munique de 1944, como um contributo " para o conhecimento da Cultura Popular em Portugal", acrescentando que "um povo não se compõe só de elites e mal dele se assim fosse", mas que "a riqueza dum povo reside no substrato anónimo das populações rurais e marítimas, cuja pujança não está patente aos olhares superficiais dum diletante sem profundidade, mas é a fonte perene de todas as formas da vida..." (Dias, 1944: 2). De facto, o discurso do autor espelha a atitude dos nacionalistas dos séculos XIX e XX, descrita deste modo por um historiador do nacionalismo: "Por trabalharem a terra para viver, os camponeses eram vistos como ligados mais intimamente e organicamente à terra do que os cidadãos que apenas residiriam no território nacional. Como os camponeses eram em grande medida iletrados, e dependiam fortemente da transmissão oral do conhecimento cultural, entendia-se que eles eram os guardiães de

(52)Deve-se a Rui Pereira, no prefácio à reedição de *Os Macondes de Moçambique*, vol. I, o estudo mais aprofundado da relação entre Jorge Dias, a antropologia colonial e o Estado Novo. Este trabalho aborda os Relatórios que Jorge Dias enviou de Moçambique ao Ministro do Ultramar, e onde é patente o reconhecimento do racismo dos colonos portugueses. Esses Relatórios são fundamentais para um melhor conhecimento das posições do antropólogo, que não divulgou publicamente muito do que sabia.

(53)Esses textos terão sido menos divulgados fora dos círculos académicos e políticos ligados ao "Ultramar".

velhas tradições relativamente libertas da influência moderna de ideias veiculadas pela palavra impressa" (Roshwald 2006: 69).

O interesse despertado pela antropologia depois do 25 de Abril correspondeu também à invocação de uma ligação profunda com esse povo, que, num contexto de nacionalismo democrático, o novo regime se propunha defender e representar<sup>(54)</sup> <sup>55</sup>. Ele era o objecto do voluntarismo militante dos primeiros anos, que envolveu a etnografia e a antropologia. No Verão - *Quente* - de 1975, em pleno PREC, no âmbito do Serviço Cívico estudantil, o etno-musicólogo Michel Giacometti (1929-1990), uma figura de esquerda, há muito um companheiro nas recolhas de música popular do compositor comunista Fernando Lopes-Graça, promove o *Plano Trabalho e Cultura*<sup>(55)</sup>. Este consistiu em enviar pelo país pequenas equipas de estudantes, que, de par com a tentativa de mobilização política, iriam recolher elementos da cultura popular

- artefactos, literatura popular, música, etc. - para um futuro museu. Haverá inquéritos, gravações, recolha fotográfica. É um trabalho enorme e bem revelador das circunstâncias da época. Todavia, como bem o mostram os historiadores deste movimento (Branco e Oliveira 1993), há uma concentração destas equipas que partem *ao encontro do povo*

- uma expressão destes autores - a Norte, em particular nas áreas montanhosas do Minho e de Trás-os-Montes (*Idem*: 288-289). Não houve equipa em Rio de Onor. Mas o destino das equipas mostra bem o fascínio pelo Norte nesta etnografia que se pressupunha documentar a

<sup>(54)</sup>Embora haja diferenças entre o nacionalismo de Dias - em que o povo aparece identificado com a própria terra - e o nacionalismo democrático, ou nacionalismos, melhor dito, que prevalece no contexto posterior ao 25 de Abril, há afinidades entre ambos. Cite-se, desde logo, a referência à entidade nomeada como *povo* - que acabava por denotar para todos grupos subordinados e afastados do poder de Estado. Todavia, o povo invocado depois da instauração da democracia era um povo concebido como depositário da soberania nacional e como actor político, como ente oprimido e explorado pelo regime deposto, o que não ocorria obviamente nas páginas do antropólogo.

<sup>(55)</sup>Leal (1999: 689) identifica três "correntes" na etnografia portuguesa sob o Estado Novo: a representada pelos estudos etno-antropológicos de Jorge Dias e a sua equipa; uma "etnografia do regime" apoiada pelo SNI, Casas do Povo e outros organismos, ligada a uma "leitura nacionalista da cultura e das tradições populares"; e uma, alternativa, à esquerda, centrada na música popular, de que Lopes Graça e Giacometti foram as principais figuras.

vida popular. Fascínio ligado à imagem que se tinha da aldeia melhor estudada por Jorge Dias, a única das duas existente à data. Tal lê-se com a maior transparência na correspondência de um membro de uma equipa que estava na zona de Miranda do Douro: "Somos capazes de ir a Rio de Onor [...] Rio de Onor é terra de comunismo primitivo" (*Idem*: 179).

A imagem de Dias assentava numa visão idealizada do mundo rural das aldeias comunitárias - pois não se referiam elementos tão incómodos como as taxas de mortalidade, a mortalidade infantil, a esperança de vida, indicadores de nível de vida, ou, num outro âmbito, modos de dominação, e os conflitos internos ou a desigualdade, se não eram silenciados, não tinham o primeiro plano<sup>(56)</sup>. Acabou por não ser partilhada por aqueles que agora estudavam esse universo, como, entre outros, O'Neill (1984: 30), a quem as descrições de Dias haviam atraído, Luís Polanah (1981), Callier-Boisvert (1999 [1994]: 135) ou o sociólogo Carlos Silva (1998:133 ss.), que sublinharam de modo diverso a desigualdade social existente mesmo em aldeias com tradições de trabalhos colectivos e propriedade comunal. Rio de Onor foi estudada por Pais de Brito, que forneceu um retrato algo distinto do de Dias, em que a dinâmica aldeã não assenta na interiorização de "valores de suposta equidade" (1996:340), que Dias afirmarem existir<sup>(57)</sup>. Já na época em que Dias produzia, havia etnografia - e literatura - que oferecia,

<sup>(56)</sup>De facto, Jorge Dias assinalava que o sistema social em Rio de Onor, local onde prestou maior atenção à sua reprodução e aos procedimentos de exclusão a que conduzia, só podia manter-se na condição de apenas um filho de cada família casar, para evitar o fraccionamento da propriedade, o que já não sucedia à data do seu estudo. Havia, portanto, desigualdade inerente ao sistema, entre filhos herdeiros de cada casa e sucessores da posição social da mesma e os que o não eram. Todavia, se reparou nestes aspectos, que são internos ao espaço local, não colocou a ênfase nos mesmos (Dias 1984 [1953]: 82-83), isto para além do facto de não referir assimetrias e desigualdades mais globais. Note-se entretanto que múltiplas dimensões do poder, da injustiça, da dominação de classes e do conflito não podiam ser expostas publicamente sob o Estado Novo.

<sup>(57)</sup>Jorge Dias afirmara ser "uma das características mais salientes deste povo [...] o profundo sentimento de igualdade entre todos os homens" - a par da atitude de independência perante as autoridades (Dias 1984 [1953]: 86). Num outro tempo e contexto, eu próprio pude detectar a existência de um sentimento de igualdade essencial entre os humanos, muito difundido no seio da população rural (Sobral 1999: 373).

para outros locais, é certo, uma representação radicalmente diferente do *ethos* rural. Sem falar da enorme produção neo-realista, podemos encontrá-la, por exemplo, no retrato dos serranos da região norte da Beira Alta produzido em várias obras por Aquilino Ribeiro, um escritor influentíssimo na época da redacção das monografias rurais de Dias (e que, como vimos, também foi um etnógrafo amador, que admirava Leite de Vasconcelos). Os serranos da sua obra, apesar de possuírem traços morais positivos, estavam minados pela ambição, pela manha, pela inveja, pela maldade, filhas da miséria (Sobral 2002: 7-41). Mas Jorge Dias apreciava Júlio Dinis, pelo seu "sentimento humano" (Dias 1961 [1959]: 110), tido como característica essencial dos portugueses, e Aquilino detestava, por falsa, a representação bucólica do campo do escritor portuense, contra a qual definia explicitamente a sua obra (Sobral 2002: 34-35).

A antropologia que começou a desenvolver-se nos primeiros anos da democracia, trouxe um contributo fundamental para o conhecimento da sociedade rural, em particular no que diz respeito à economia, à família, ao parentesco e à reprodução social. Basta dizer que os trabalhos posteriores feitos em história sobre um tema tão central como o processo de reprodução social tiveram aqui a sua inspiração. Outros temas fundamentais foram os relativos à religiosidade, às relações de género e mesmo, minoritariamente, à estratificação social. Porém, o legado maior desta nova antropologia não consistiu unicamente na exploração de determinadas problemáticas. Antes no facto de instituir um campo de pesquisa científica inovador e de poder contribuir, ao menos potencialmente, pela própria natureza dos seus procedimentos analíticos e pela sua postura disciplinar, para difundir uma atitude de cidadania democrática de respeito para com os estudados.

Na verdade, um dos maiores contributos da antropologia depois do 25 de Abril foi o facto de, ao abrigo da democracia, ter tido um papel maior, com a sociologia, para trazer ao conhecimento de um público mais alargado o vasto contingente dos colocados em situações subalternas que constituía a maioria da população rural portuguesa. Estes estavam - e estão - numa posição dominada, em termos de *capital económico* e de *capital simbólico*, para falar como Bourdieu, face às elites locais e nacionais, às classes dominantes e médias, à cultura letrada dominante no espaço urbano, de onde eram oriundos ou onde se formaram os antropólogos.

Um texto alemão do século XIII via o camponês como "vilão, rústico, diabo, ladrão, bandido, saqueador" (Worsley: 69). Em português, camponês nos anos 60 era sinónimo de "parolo", "patego", quer dizer gente com modos rústicos, provincianos, com falta de requinte<sup>(58)</sup>. Na minha juventude era alguém distante socialmente do burguês urbano, o seu contraponto, o seu *Outro*, indissociável da construção da identidade burguesa. Alguém que se distinguia no corpo, na cor da pele

- branquíssimo nas pernas e no peito, com a face e os braços tismados pelo sol -, vestido pelo alfaiate aldeão, nos anos 60 ainda sem usar fato de banho (não frequentava a praia). Distinto pelas maneiras, pelo estilo de vida. E frequentemente numa posição de subordinação pessoal como criado, caseiro, ou criada doméstica. Um *Outro* aqui tão perto e absolutamente desconhecido, mostrando que a proximidade espacial pode estar ligada à distância social - e à dominação - mais absoluta. Um outro que ainda hoje é apresentado com qualidades negativas

- rotineiro, ignorante, avesso à inovação - o que também foi contestado por Dias.

Já se afirmou que as representações dos indígenas das colónias influíram no modo como se procedeu à representação etnográfica das culturas provinciais e que os rurais apareciam como "selvagens do interior"<sup>(59)</sup>. Não há dúvida que essa expressão se aplica a uma representação dos rurais - o povo era ainda maioritariamente dos campos - corrente nas classes médias e nas elites. Coexistia, com muita probabilidade, como discurso "escondido", com uma imagem dos mesmos como referente das tradições ditas nacionais e da ideologia ruralizante do Estado Novo<sup>(60)</sup>. Não é de modo algum essa a imagem

<sup>(58)</sup>Usava-se - e usa-se - a designação de parolo na região de Viseu, nomeadamente. Os sentidos acima são atribuídos pelo *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia de Ciências de Lisboa. Por sua vez, o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, dá-lhe como sinónimo bronco, entre cujos sentidos se contam os de grosseiro e ignorante. Ver o que diz sobre a imagem do "camponês grosseiro" a propósito de "o outro no próprio país", o historiador Peter Burke (2005 [2001]: 173-175).

<sup>(59)</sup>Medeiros (2003) referindo-se especificamente à primeira Exposição Colonial Portuguesa (1934).

<sup>(60)</sup>A expressão "registo escondido" foi desenvolvida pelo cientista político James C. Scott (1990) para designar as dimensões de vida social que são ocultadas da face pública. O menosprezo social pelos rurais mais pobres era ocultado,

que se pode reter das obras de Dias, que revelam a sua forte oposição ao *racismo social* vigente em Portugal, tal como se opunha ao racismo de um modo mais geral. Como escreveu Ruth Benedict, na sua obra clássica sobre o racismo de 1942, "[...] a pobreza afasta tanto os grupos sociais quanto a cor da pele ou a forma das suas cabeças" (Benedict 1983 [1942]: 151)<sup>(61)</sup>.

Mas não afastou Jorge Dias, nem os que fizeram parte da sua equipa. No seu conjunto, deixaram um acervo volumoso de trabalhos e materiais que constitui uma autêntica homenagem sem paralelo entre nós à cultura - cultura no sentido que se designa vaga e habitualmente como antropológico - dos chamados incultos, ao seu saber e ao seu saber fazer que abrange a arquitectura, a tecnologia agrícola e proto-industrial, os instrumentos musicais, as máscaras, etc. Esta é sem dúvida uma das razões pelas quais o seu legado foi bem recebido entre antropólogos educados na cultura democratizante esquerdista dos anos 60, e cuja posição política e formação - onde pontuavam, de modo profundamente variável, a influência de algum marxismo e de algum estruturalismo francês, da antropologia britânica, do pensamento pós-estruturalista (Foucault, Bourdieu), um agnosticismo e materialismo difusos, o gosto pela Teoria, uma empatia genérica pelos marginais e excluídos da história eram bem distintas quando não frontalmente opostas às de Dias.

Entretanto, desde finais dos anos 80, a antropologia encontrou novos espaços e novos objectos, fora do mundo rural e da agricultura, nas cidades, no exterior das fronteiras nacionais, nas antigas colónias. Estamos longe dos tempos de domínio dos camponeses posteriormente ao 25 de Abril. A antropologia é hoje muito mais diversificada, e sem o pólo de atracção a Norte, que muito deveu ao impacto das obras de Jorge Dias.

num regime cuja ideologia os exaltava. Este último aspecto foi assinalado na primeira metade dos anos 60 do século passado por uma antropóloga norte-americana que investigou em Portugal (Riegelhaupt, 1964: 70).

<sup>(61)</sup>Creio ter encontrado a expressão "racismo social" em Pierre Bourdieu. Entretanto, Ruth Benedict afirma que para se entender o racismo se deve procurar compreender o *conflito* e não a *raça*, pois o preconceito racial decorre dele. Para um maior desenvolvimento, Benedict (1983 [1942]: 141-165).

## Bibliografia

- ALBUQUERQUE, Martim de, 1974 - *A Consciência Nacional Portuguesa*, Lisboa, Ed. do Autor.
- AREIA, Manuel L. R. de e ROCHA, M.A., 1985 - "O Ensino da Antropologia em Coimbra", in *Ceni Anos de Antropologia em Coimbra, 1885-1985*, Coimbra, MLAUC, pp. 13-60.
- BAROJA, Júlio Caro, 1978 [1972] - *Los Baroja*, Madrid, Taurus.
- BAROJA, Júlio Caro, 2004 - *El Mito del Carácter Nacional*, Madrid, Editorial Caro Raggio.
- BENEDICT, Ruth, 1934 - *Patterns of Culture*, New York, Houghton Mifflin.
- BENEDICT, Ruth, 1946 - *The Chrysanthemum and the Sword: Patterns of Japanese Culture*, Boston, Houghton Mifflin.
- BENEDICT, Ruth, 1983 [1942] - *Race and Racism*, Londres, Routledge & Kegan Paul.
- BENTLEY, Jeffery W., 1992 - *Today There Is no Misery. The Ethnography of Farming in Northwest Portugal*, Tucson e Londres, The University of Arizona Press.
- BOAS, Franz, 1962 - *Anthropology and Modern Life*, New Cork, W.W.W. Norton & Company.
- BOURDIEU, Pierre, 1962 - "Célibat et condition paysanne", *Études Rurales* 5-6 : 32-136.
- BOURDIEU, Pierre, 1972 - "Les stratégies matrimoniales dans le système de reproduction". *Annales: Économies, Sociétés, Civilisations*, vol. 27 (4/5), pp. 1105-1127.
- BRANCO, Jorge Freitas e Castelo-Branco, Salwa El-Shawan (orgs.), 2003 - *Vozes do Povo: a Folclorização em Portugal*, Oeiras, Celta editora.
- BRANCO, Jorge Freitas e Oliveira, Luisa Tiago de, 1993 - *Ao Encontro do Povo - I - A Missão*, Oeiras, Celta.
- BRANCO, Jorge Freitas, 1995 - "Lugares para o Povo. Uma Periodização da Cultura Popular em Portugal", *Revista Lusitana* (Nova Série) voi. 13-14, pp. 144-177.
- BRETTELL, Caroline B., 1986-*Men Who Migrate, Women Who Wait: Population and History in a Portuguese Parish*, Princeton, New Jersey, Princeton University Press.
- BRITO, Joaquim Pais de, 1966 - *Retrato de Aldeia com Espelho: Ensaio sobre Rio de Onor*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- BUNZL, Matti, 1995 - "Franz Boas and the Humboldtian Tradition: from Volkgeist and Nationalcharakter to an Anthropological Concept of Culture", in *Volkgeist as Method and Ethic: Essays in Boasian Ethnography and the German Anthropological Tradition* (History of Anthropology, voi. 8). Georges W. Stocking, Jr., ed., pp. 17-78, Madison, The University of Wisconsin Press.

- BURKE, Peter, 1981 - *Popular Culture in Early Modern Europe*, New York, Harper Torchbooks.
- BURKE, Peter, 2005 [2001] - *Visto y no Visto: El Uso de la Imagen como Documento Histórico*, Barcelona, Crítica.
- CABRAL, João de Pina, 1986 - *Sons of Adam, Daughters of Eve*, Oxford, Clarendon Press.
- CABRAL, João de Pina, 1991 - *Os Contextos da Antropologia*, Lisboa, Difel.
- CABRAL, João de Pina, 1998 - "A Antropologia que a democracia produziu", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 38, 3-4, pp. 117-129.
- CALDAS, Eugênio Castro, 1991 - *A Agricultura Portuguesa através dos Tempos*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- CALLIER-BOISVERT, Colette, 1966 - "Soajo : une communauté féminine de l'Alto Minho", *Bulletin des Études Portugaises*, vol. XXVII.
- CALLIER-BOISVERT, Colette, 1999 - *Soajo entre migrations et mémoire: études sur une société agro-pastorale à l'identité rénovée*, Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian.
- CARDOSO, Arthur da Fonseca, 1908 - "Anthropologia Portuguesa", in *Notas sobre Portugal*, vol. I, pp. 57-72, Lisboa, Imprensa Nacional.
- CASTELO, Cláudia, 1998 - *O Modo Português de Estar no Mundo: o Luso-Tropicalismo e a Ideologia Colonial Portuguesa (1933-61)*, Porto, Afrontamento.
- CATROGA, Fernando, 1998 - "Alexandre Herculano e o Historicismo Romântico" e "Positivistas e Republicanos", in Luís Reis Torgal, José Amado Mendes e Fernando Catroga, *História da História em Portugal, séculos XIX-XX*, Lisboa, Temas & Debates, pp. 45-134.
- CHIVA, Isaac, 1993 - "Le Patrimoine ethnologique: l'exemple de la France", in *Encyclopaedia Universalis, Symposium - Les Enjeux*, vol. I. Paris, Encyclopaedia Universalis, pp. 228-241.
- COCCHIARA, Giuseppe, 1977-71 - *Storia del Folklore in Europa*, Torino, Editore Boringhieri.
- CORREIA, A. A. Mendes, 1919 - *Raça e Nacionalidade*, Lisboa, Renascença Portuguesa.
- CORREIA, A. A. Mendes, 1924 - *Os Povos Primitivos da Lusitânia*, Porto, Casa Editora de A. Figueirinhas.
- CORREIA, A. A. Mendes, 1929 - *Geologia e Antropologia de Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa.
- CORREIA, A. A. Mendes, 1944 [1938] - *Raízes de Portugal*, Lisboa, Edição da Revista Ocidente.
- CUISENIER, Jean, 1995 - *La Tradition Populaire*, Paris, Presses Universitaires de France.
- CUTILEIRO, José, 1977 [1971] - *Ricos e Pobres no Alentejo*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.

- DA VEAU, Suzanne, 1995 - *Portugal Geográfico*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- DAVIS, John, 1973 - *Land and Family in Pisticci*, Londres, Athlone.
- DIAS, Jorge, 1944 - *Vilarinho da Furna: um Povo Autárquico da Serra Amarela*, Inaugural-Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde der philosophischen Fakultät der Ludwig-Maximilians-Universität zu München vorgelegt von Dr. António Jorge Dias aus Oporto/Portugal.
- DIAS, Jorge, 1952 - *Bosquejo Histórico de Etnografia Portuguesa*, Separata do Suplemento Bibliográfico da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. II. Coimbra, Casa do Castelo Editora.
- DIAS, Jorge, 1958 - "Introdução ao Estudo das Ciências Sociais", in *Colóquios sobre Metodologia das Ciências Sociais*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, pp. 13-27.
- DIAS, Jorge, 1961 - "Etnologia, Etnografia, 'Volkskunde' e Folclore", in *Ensaaios Etnológicos*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, pp. 23-38.
- DIAS, Jorge, 1961 [1953] - "Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa", in *Ensaaios Etnológicos*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, pp. 97-119.
- DIAS, Jorge, 1961 [1957] - "A Expansão Ultramarina Portuguesa à Luz da Moderna Antropologia", in *Estudos Etnológicos*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, pp. 145-158.
- DIAS, Jorge, 1961 [1957] - "Problemas de Método em Estudos de Comunidade", in *Estudos Etnológicos*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, pp. 39-55.
- DIAS, Jorge, 1961 [1958] - "Contactos de Cultura", in *Estudos Etnológicos*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, pp. 173-198.
- DIAS, Jorge, 1961 [1959] - "O Que se Entende por Antropologia Cultural", in *Estudos Etnológicos*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, pp. 1-22.
- DIAS, Jorge, 1965-66 - *Antropologia Cultural (Lições dadas ao 1º ano do Curso Complementar pelo Prof Doutor Jorge Dias)*, Lisboa, Associação Académica do I. S. C. S. P. U.
- DIAS, Jorge, 1968 - "O Carácter Nacional Português na Presente Conjuntura", *Boletim da Academia Internacional de Cultura Portuguesa*, n.º 4, pp. 231-248.
- DIAS, Jorge, 1981 [1948] - *Vilarinho da Furna. Uma Aldeia Comunitária*, Lisboa, Imprensa
- DIAS, Jorge, 1984 [1953] - *Rio de Onor, Comunitarismo Agro-Pastoril*, Lisboa, Editorial Presença.
- DIAS, Jorge, 1998 [1964] - *Os Macondes de Moçambique. Vol. 1 - Aspectos Históricos e Económicos*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- DUBY, Georges, 1962 - *L'économie rurale et la vie des campagnes dans l'Occident médiéval*, Paris, Aubier

- DURAND, Jean-Yves, 1991 - "Où la terre s'achève et la mer commence: Une anthropologie du Portugal", *Terrain*, n.º 17, pp. 120-134.
- FABIÃO, Carlos, 1996 - "Nationalism and Archeology. The Portuguese Case", in *Archeology and Nationalism in Europe*. M. Díaz-Andreu e T. Champion, eds., pp. 90-107, Londres, UCL Press.
- FREYRE, Gilberto, 1961 - *Le Portugais et les Tropiques*, Lisbonne, Commission Exécutive des Commémorations du V. Centenaire de la Mort du Prince Henri.
- FREYRE, Gilberto, 2005 [1933] - *Casa-Grande & Sanzala*, São Paulo, Global.
- GERALDES, Alice Duarte, 1979 - *Castro Laboreiro e o Soajo: Habitação, Vestuário e Trabalho da Mulher*, Lisboa, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico.
- GERALDES, Alice Duarte, 1987 - *Gente do Minifúndio: Produção e Reprodução Social em Mudança na Freguesia da Correlhã* (mimeo), Braga, Universidade do Minho.
- GOBINEAU, Arthur de, 1983 [1853] - "Essai sur l'inégalité des races humaines", in *Œuvres*, vol. I. Paris, Gallimard.
- GOODY, Jack, 1976 - *Production and Reproduction. A Study of the Domestic Domain*, Cambridge, Cambridge University Press.
- GOODY, Jack, 1995 - *The Expansive Moment: the Rise of Social Anthropology in Britain and Africa, 1918-1970*, Cambridge, Cambridge University Press.
- GOODY, Jack, 2004 - *Au-delà des murs*, Marselha, Éditions Parenthèses/Maison Méditerranéenne des Sciences de l'Homme.
- GOODY, Jack, Thirsk, Joan e Thompson, E. P., eds., 1976 - *Family and Inheritance. Rural Society in Western Europe 1200-1800*, Cambridge, Cambridge University Press.
- GUERREIRO, Manuel Viegas, 1982-80 - *Pitões das Júnias: Esboço de Monografia Etnográfica*, Lisboa, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico.
- HANDLER, Richard, 1988 - *Nationalism and the Politics of Culture in Quebec*, Madison, The University of Wisconsin Press.
- HOBSBAWM, Eric J., 1959 - *Primitive Rebels: Studies in Archaic Forms of Social Movement in the 19th and 20th Centuries*, Manchester, Manchester University Press.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de, 2005 [1936] - *Raízes do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras.
- HOUAISS, Antonio e Villar, Mauro de Salles, 2003 - *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates.
- ITURRA, Raúl, 1988 - *Antropología Económica de la Galicia Rural*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia.
- ITURRA, Raúl, 1991 - *A Religião como Teoria da Reprodução Social*, Lisboa, Escher.

- JAHODA, Gustav, 2007 - "Anthropologist and 'Native' in Early Twentieth Century New Guinea: Malinowski and Thurnwald", *History and Anthropology*, vol. 18, n.º 1, pp 11-24.
- JENKINS, Robin, 1979 - *The Road to Alto*, Londres, Pluto Press.
- LADURIE, Emmanuel Le Roy, 1969 (1966) - *Les paysans du Languedoc*, Paris, Flammarion.
- LASLETT, Peter e Wall, Richard, 1972 - *Household and Family in Past Time*, Cambridge, Cambridge University Press.
- LEAL, João, 1993 - "Prefácio" a Adolfo Coelho, *Obra Etnográfica*, vol. 1, Lisboa, Publicações Dom Quixote, pp. 13-36.
- LEAL, João, 1999 - "Etnografia", in *Dicionário de História de Portugal - VII* António Barreto e Maria Filomena Mónica, eds., Lisboa, Livraria Figueirinhas, pp. 687-90.
- LEAL, João, 2000 - *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- LICFITHEIM, George, 2000 [1972] - *Europe in the Twentieth Century*, Londres, Phoenix Press.
- Lisboa, Academia de Ciências de (Instituto de Lexicologia e Lexicografia) 2001 *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Editorial Verbo.
- LISS, Julia E., 1995 - "German Culture and German Science in the *Bildung* of Franz Boas", in *Volkgeist as Method and Ethic: Essays in Boasian Ethnography and the German Anthropological Tradition* (History of Anthropology, vol. 8). Georges W. Stocking, Jr., ed., pp. 155-184, Madison, The University of Wisconsin Press.
- LIXFELD, Hannjost, 1994 - *Folklore & Fascism: the Reich Institute for German Volkskunde*, Bloomington & Indianapolis, Indiana University Press.
- LLOBERA, Josep R., 2003 - *The Making of Totalitarian Thought*, Oxford & Nova e Iorque, Berg.
- LUPI, João Eduardo, 1984 - *A Concepção de Etnologia em António Jorge Dias: Teoria e Método no Estudo Científico da Cultura*, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia.
- MATOS, Patrícia Carla Valente Ferraz de, 2006 - *As Cores do Império: Representações Raciais no Império Colonial Português*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- MEDEIROS, António, 2003 - "A Primeira Exposição Colonial Portuguesa (1934): Representação Etnográfica e Cultura Popular Moderna. Documentarismo e Folclorização", in *Vozes do Povo: a Folclorização em Portugal*. Salwa El-Shawan Castelo-Branco e Jorge de Freitas Branco, eds., Oeiras, Celta Editora, pp. 155-168.
- MELO, Daniel, 2001 - *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

- MENDRAS, Henri, 1976 - *Sociétés paysannes*, Paris, Armand Colin.
- MOUTINHO, Mário, 1982 - "A Etnologia Colonial e o Estado Novo", in *O Fascismo em Portugal*, Lisboa, A Regra do Jogo, pp. 415-442.
- NEIBURG, Frederico, 2001 - "National Character". *International Encyclopedia of the Social Sciences*, vol. 15, Neil J. Smelser e Paul B. Baltes, eds., pp. 10298-10301, Amsterdam, Elsevier.
- NUNES, Catarina Silva, 2003 - "Documentarismo e Folclorização", in *Vozes do Povo: a Folclorização em Portugal*. Salwa El-Shawan Castelo-Branco e Jorge de Freitas Branco, eds., pp. 297-305, Oeiras, Celta Editora.
- O'NEILL, Brian Juan, 1984 - *Proprietários, Lavradores e Jornaleiras: a Desigualdade Social numa Aldeia Transmontana*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, 1968 - *Vinte Anos de Investigação Etnológica do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, Porto-Lisboa, 1947-1967*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, 1974 - "António Jorge Dias", in *In Memoriam António Jorge Dias*, vol. I, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, pp. 11-20.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, 1982 - "Prefácio", in Jorge Dias, *Os Arados Portugueses e as suas Prováveis Origens*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 7-34.
- PEREIRA, Benjamim, 1965 - *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa*, Lisboa, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.
- PEREIRA, Rui, 1989 - "A questão colonial na etnologia ultramarina", *Antropologia Portuguesa* 7, pp. 61-78.
- PEREIRA, Rui, 1998 - "Introdução à Reedição de 1998", in Jorge Dias, *Os Macondes de Moçambique*. Vol. I - *Aspectos Históricos e Económicos*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses e Instituto de Investigação Científica Tropical, pp. V-LII.
- PINGAUD, Marie-Claire, 1978 - *Paysans en Bourgogne. Les gens de Minot*, Paris, Flammarion.
- POLANAH, Luis, 1981 - *Comunidades Camponesas no Parque Nacional da Peneda-Gerês*, Lisboa, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico.
- POLANAH, Luís, 1985 - "O Colectivismo Agrário no Norte de Portugal", *Antropologia Portuguesa*, vol. 3, pp. 61-68.
- RAMOS, Rui, 1994 - *A Segunda Fundação (1890-1926)*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- REDOL, Alves, 1938 - *Glória, uma Aldeia do Ribatejo*, Barcelos, Ed. do Autor.
- RIBEIRO, Aquilino, 1924 - "Introdução Etnográfica", in Raúl Proença, org., *Guia de Portugal*, 1º vol., Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, pp. 61-79.
- RIBEIRO, Orlando, 1981 - "Nota Preliminar", in Jorge Dias, *Vilarinho da Furna: uma Aldeia Comunitária*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1981 (1948), pp. 7-11.

- RIEGELHAUPT, Joyce Firstenberg, 1964 - *In the Shadow of the City: Integration of a Portuguese Village*, Faculty of Political Science, Columbia University. Ann Arbor, Michigan, University Microfilms, Inc.
- RIGBY, Andrew, 1974 - *Communes in Britain*, Londres e Boston, Routledge & Kegan Paul.
- ROSHWALD, Aviel, 2006 - *The Endurance of Nationalism*, Cambridge, Cambridge University Press.
- SANTOS, Gonçalo Duro dos, 2005 - *A Escola de Antropologia de Coimbra: o que significa seguir uma regra antropológica?*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- SCOTT, James C, 1990 - *Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts*, New Haven e Londres, Yale University Press.
- SILBERT, Albert, 1978 [1966] - *Le Portugal Méditerranéen à la Fin de V Ancien Regime*, Lisboa, INIC.
- SILVA, Augusto Santos, 1997 - *Palavras para um País*, Lisboa, Celta.
- SILVA, Manuel Carlos, 1998 - *Resistir e Adaptar-se. Constrangimentos e Estratégias Camponesas no Noroeste de Portugal*, Porto, Edições Afrontamento.
- SILVA, Rui Ferreira da, 1992 - "Sob o Signo do Império", in *Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*, Fernando Rosas (coord.), *Nova Historia de Portugal* (Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, (dir.), pp. 355-387, Lisboa, Editorial Presença.
- SMITH, Anthony D., 2003 - *Chosen Peoples*, Oxford, Oxford University Press.
- SOBRAL, José Manuel, 1999 - *Trajectos: o Presente e o Passado na Vida de uma Freguesia da Beira*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- SOBRAL, José Manuel, 2002 - "A Etnografia de Aquilino Ribeiro", *Antropológicas*, nº 6, pp. 7-41.
- STOCKING Jr., George W., 1987 - "The Ethnographic Sensibility of the 1920s and the Dualism of the Anthropological Tradition", in *Romantic Motives: Essays on Anthropological Sensibility* (History of Anthropology vol. 6). George W. Stocking, Jr., ed., pp. 208-276, Madison, The University of Wisconsin Press.
- THOMAZ, Omar Ribeiro, 2001 - "O Bom Povo Português: Usos e Costumes d'Aquém e d'Além-Mar", *Mana*, vol. 7, nº 1, pp. 55-87.
- THURNWALD, Richard, 1937 - *L'Économie Primitive*, Paris, Payot.
- VASCONCELOS, José Leite de, 1980 [1933] - *Etnografia Portuguesa* vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- VERDIER, Yvonne, 1979 - *Façons de dire, façons défaire: La Laveuse, la couturière, la cuisinière*, Paris, Gallimard.
- WEST, Harry G., 1987 2004 - "Inverting the Camel's Hump, in *Significant Others: Interpersonal and Professional Commitments in Anthropology* (History of Anthropology vol. 10). Richard Handler, ed., Madison, The University of Wisconsin Press, pp. 51-90.

WOLF, Eric, 1966 - *Peasants*. Englewood-Cliffs, New Jersey, Prentice-Hall.

WOLF, Eric, 1969 - *Peasant Wars of the Twentieth Century*, New York, Flarper and Row.

WORSLEY, Peter, 1984 - *The Three Worlds: Culture & World Development*, Londres, Weidenfeld and Nicholson.

ZONABEND, Françoise, 1980 - *La Mémoire Longue: Temps et Histoires au Village*, Paris, PUF.